

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**

CHISATO WATANABE

**OSCAR WILDE NO BRASIL:  
UMA ANÁLISE DAS TRÊS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DO CONTO  
“THE HAPPY PRINCE” E UMA NOVA PROPOSTA DE TRADUÇÃO**

CURITIBA

2010

CHISATO WATANABE

**OSCAR WILDE NO BRASIL:  
UMA ANÁLISE DAS TRÊS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DO CONTO  
“THE HAPPY PRINCE” E UMA NOVA PROPOSTA DE TRADUÇÃO**

Monografia apresentada à disciplina de Orientação  
Monográfica II do Curso de Letras Português-  
Inglês da Universidade Federal do Paraná, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Bacharel em Letras com ênfase em Estudos da Tradução.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luci Collin Lavalle

CURITIBA

2010

## SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS .....	iv
AGRADECIMENTOS .....	v
RESUMO.....	vi
ABSTRACT .....	vii
1. INTRODUÇÃO .....	1
2. BIOGRAFIA DE OSCAR WILDE .....	3
3. ANÁLISE CRÍTICA DAS TRADUÇÕES EXISTENTES DO CONTO “THE HAPPY PRINCE”.....	5
3.1 Tradução de Rosalina Coelho Lisboa, de 1923.....	5
3.2 Tradução de Otto Schneider, de 1965 .....	12
3.3 Tradução de Paulo Mendes Campos, de 2005 .....	18
4. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	25
4.1 Histórico da Abordagem Funcionalista.....	25
4.2 Modelo Nord.....	26
5. TRADUÇÃO .....	29
6. CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	40
ANEXOS .....	41
ANEXO 1 – BIBLIOGRAFIA DE OSCAR WILDE .....	41
ANEXO 2 – BIBLIOGRAFIA SOBRE OSCAR WILDE .....	42
ANEXO 3 – THE HAPPY PRINCE .....	46
ANEXO 4 – TRADUÇÃO DE ROSALINA COELHO LISBOA (1923) .....	51
ANEXO 5 – TRADUÇÃO DE OTTO SCHNEIDER (1965).....	56
ANEXO 6 – TRADUÇÃO DE PAULO MENDES CAMPOS (2005).....	61
ANEXO 7 – BIOGRAFIA DOS TRADUTORES .....	65

ANEXO 8 – HISTÓRIA DA ORTOGRAFIA NA LÍNGUA PORTUGUESA .....	69
---	----

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – PALAVRAS NA ORTOGRAFIA DA TRADUÇÃO DE 1923 .....	6
QUADRO 2 – TERMOS DA TRADUÇÃO DE 1923 .....	8
QUADRO 3 – PALAVRAS E EXPRESSÕES OMITIDAS NA TRADUÇÃO DE 1923	11
QUADRO 4 – TERMOS DA TRADUÇÃO DE 1965 .....	14
QUADRO 5 – TERMOS DA TRADUÇÃO DE 2005 .....	19
QUADRO 6 – QUADRO COMPARATIVO ENTRE AS TRADUÇÕES EM RELAÇÃO À REPETIÇÃO DE ESTRUTURA .....	21
QUADRO 7 – FATORES EXTRATEXTUAIS NO MODELO NORD .....	27
QUADRO 8 – FATORES INTRATEXTUAIS NO MODELO NORD .....	27

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, especialmente aos meus pais, por tudo que me deram durante a minha vida inteira.

À minha orientadora Professora Luci Collin, pelo constante apoio, confiança e incentivo para a realização desta monografia. Sem a sua ajuda, seria impossível concluir o trabalho.

À Professora Liana Leão, por ter aceitado o convite como banca examinadora.

Aos meus amigos que me acompanharam desde o primeiro ano da faculdade, Marcela, Francine, Alessandra, Lays e Thiago, pelos momentos inesquecíveis durante os cinco anos na UFPR.

A todos os meus amigos que de uma forma ou de outra acreditaram em mim (Não vou listar os nomes porque são muitos), pela amizade e pela consideração.

E a Kiyoshi, pelo carinho inestimável e por estar ao meu lado em todos os momentos, inclusive nos mais difíceis. Obrigada por tudo, sempre.

## RESUMO

O presente trabalho apresenta uma análise crítica das traduções existentes do conto “The Happy Prince” de Oscar Wilde no Brasil, de Rosalina Coelho Lisboa, de 1923 e de Otto Schneider, de 1965 e de Paulo Mendes Campos, de 2005 e, em seguida, uma proposta de uma nova tradução. Para a realização da tradução, foi utilizado como base o modelo funcionalista proposto por Christiane Nord.

Palavras-chave: tradução literária, Oscar Wilde, funcionalismo.

## **ABSTRACT**

This paper aims at presenting a critical analysis of translations of 'The Happy Prince' written by Oscar Wilde, especially the translations by Rosalina Coelho Lisboa of 1923, by Otto Schneider of 1965 and by Paulo Mendes Campos of 2005. Furthermore, it is proposed a new translation, based on the functionalist model by Christiane Nord.

Keywords: translation of literature, Oscar Wilde, functionalism.



# 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa analisar as traduções do conto “The Happy Prince”, um “conto de fadas” bastante famoso dentre a produção de Oscar Wilde, escritor irlandês de importância inquestionável.

Apesar de existirem diferentes traduções para a língua portuguesa do Brasil desse conto, algumas delas são relativamente antigas, dificultando a leitura para os leitores atuais. Ou, então, nota-se que o texto oscila entre a tradução e a adaptação e, naturalmente, ainda não está de acordo com a Reforma Ortográfica que passou a vigorar em 2009. Assim, a presente pesquisa analisará as três traduções existentes no Brasil<sup>1</sup> e fará uma proposta de uma tradução mais atualizada. Para tanto, fez-se necessário uma base teórica para a realização da tradução. Uma das teóricas mais importantes da teoria da tradução é a alemã Christiane Nord, que propõe um modelo funcionalista de tradução. Nord encontra um caminho para o dilema tradutório, que seria:

Podemos tentar estabelecer uma base teórica para tradução literária que permita aos tradutores justificarem suas decisões a fim de fazer com que outros (tradutores, leitores, editores) entendam o que foi feito e o porquê.<sup>2</sup> (NORD, 1997:91)

Nord afirma que essa solução seria a mais viável para a abordagem funcionalista e estabelece um modelo de tradução para todos os tipos de texto, inclusive o texto literário, que é o interesse da presente pesquisa.

O primeiro capítulo (2) apresentará uma breve biografia de Oscar Wilde, por ser considerada relevante para o entendimento de alguns pontos do conto. O capítulo seguinte (3) analisará as traduções do conto “The Happy Prince” para a língua portuguesa, a de Rosalina Coelho Lisboa publicada em 1923, a de Otto Schneider, publicada em 1965, e a de Paulo Mendes Campos publicada em 2005, apontando as características de cada uma dessas traduções e fazendo uma análise

---

<sup>1</sup> Na defesa desta monografia, tomou-se conhecimento da tradução de Bárbara Heliodora, edição bastante rara publicada pela Editora Nova Fronteira em 1992, e o livro foi publicado sob o título *Histórias de Fadas*.

<sup>2</sup> Cf. original: “We could try to set in place a theoretical foundation for literary translation that allows translators to justify decisions in order to make others (translators, readers, publishers) understand what was done and why.” Todas as citações em língua estrangeira serão traduzidas por mim, sendo que o texto original aparecerá em nota de rodapé.

crítica das mesmas. Em seguida, o capítulo 4 abordará as considerações sobre as teorias da tradução com ênfase no funcionalismo, para que sejam aplicadas na proposta da nova tradução, apresentada no capítulo 5. Por fim, a pesquisa será concluída com algumas considerações finais no capítulo 6. O conto original e as traduções analisadas na presente pesquisa serão colocados na parte de Anexos.

## 2. BIOGRAFIA DE OSCAR WILDE

Oscar Wilde<sup>3</sup> (Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde) nasceu em Dublin no dia 16 de outubro de 1854, como segundo filho de sir William Wilde e Jane Francesca Wilde. A mãe de Wilde era poetisa e jornalista famosa; ela escreveu artigos políticos e versos patrióticos irlandeses sob o pseudônimo de "Speranza". O pai de Wilde era médico importante e escritor, e escreveu livros sobre arqueologia e folclore. Wilde teve um irmão mais velho, William Wills Wilde, e uma irmã mais nova, Isola Francesca Wilde, que morreu com apenas dez anos de idade.

Wilde foi educado na Portora Royal School, em Enniskillen, County Fermanagh (1864-71). Interessou-se pela poesia e os clássicos, principalmente os gregos. Em 1871, ganhou uma bolsa de estudos para a Trinity College de Dublin (1871-74), a universidade protestante da Irlanda. Wilde desenvolveu uma carreira brilhante em Trinity College e, assim, conseguiu uma bolsa de estudos para Magdalen College, em Oxford (1874-78). Em Magdalen, seu poema "Ravenna" ganhou o Prêmio Newdigate, o maior prêmio oferecido na Universidade.

Após se formar, Wilde se mudou para Chelsea, em Londres (1879) a fim de consolidar a carreira literária. Em 1881, publicou sua primeira coletânea de poesia – *Poems*. Trabalhou como revisor de arte (1881), realizou conferências nos Estados Unidos e no Canadá (1882), e morou em Paris (1883). Fez conferências também na Inglaterra e na Irlanda (1883-1884).

Depois de uma série de conferências em vários lugares, Wilde voltou a Londres. Em 1884, Wilde se casou com Constance Lloyd, filha de Horace Lloyd, conhecido advogado irlandês do conselho de advogados da rainha. Tiveram dois filhos, Cyril e Vyvyan. De 1887 a 1889 Wilde trabalhou como editor da revista mensal *Woman's World*. Em 1888, publicou *The Happy Prince and Other Tales*, contos escritos para seus filhos. Seu primeiro e único romance, *The Picture of Dorian Gray*, foi publicado em 1891 e recebeu críticas negativas. Em 1891, iniciou-se o relacionamento homossexual com Lord Alfred Douglas, conhecido como "Bosie".

As obras de Wilde mais reconhecidas à época foram as peças de teatro. Sua primeira peça, *Lady Windermere's Fan* estreou em fevereiro de 1892. As peças *A*

---

<sup>3</sup> Doravante referido como "Wilde".

*Woman of No Importance* (1893), *An Ideal Husband* (1895) e *The Importance of Being Earnest* (1895) foram extremamente populares.

Acusado de calúnia e difamação, em 1895, Wilde processou o Marquês de Queensberry, pai de Bosie. Porém, Queensberry foi considerado inocente no julgamento, e Wilde acabou preso, culpado de sodomita, e condenado a trabalhos forçados por dois anos na prisão de Reading. Devido a condições calamitosas, Wilde sofreu com várias doenças na prisão. Enquanto cumpria a pena, Wilde escreveu *De Profundis*, monólogo dramático e autobiográfico, dedicado a Bosie.

Quando foi libertado, em 1897, escreveu *The Ballad of Reading Gaol*, revelando as condições desumanas na prisão. Wilde passou o resto da sua vida na Europa, arruinado, vivendo em hotéis humildes e faleceu de meningite cerebral em 30 de novembro de 1900, em um hotel de Paris.

### 3. ANÁLISE CRÍTICA DAS TRADUÇÕES EXISTENTES DO CONTO “THE HAPPY PRINCE”

#### 3.1 Tradução de Rosalina Coelho Lisboa<sup>4</sup>, de 1923

Rosalina Coelho Lisboa<sup>5</sup> traduziu a obra *The Happy Prince and Other Tales* de Oscar Wilde sob o título *Príncipe Feliz e Outros Contos*, publicada em 1923, por Monteiro Lobato & Co. Editores. O livro é constituído por cinco contos traduzidos: “The Happy Prince” (“O Príncipe Feliz”), “The Nightingale and the Rose” (“O Rouxinol e a Rosa”), “The Selfish Giant” (“O Gigante Egoísta”), “The Devoted Friend” (“O Amigo Dedicado”) e “The Remarkable Rocket” (“O Notável Foguete”), e todos eles fazem parte do livro original *The Happy Prince and Other Tales*. Por ser uma tradução bastante antiga, é possível analisar muitos aspectos divergentes dos textos de hoje, principalmente nas questões de ortografia e léxico.

Ao ler a tradução de Lisboa<sup>6</sup>, o que mais chama atenção é a ortografia muito diferente dos padrões atuais, devido a muitas reformas ortográficas que sucederam desde 1911 até os dias de hoje<sup>7</sup>. Antes da Reforma Ortográfica de 1911, tanto no Brasil quanto em Portugal, seguia-se uma ortografia que, por regra, se baseava na etimologia latina e grega, a chamada ortografia pseudo-etimológica. É assim denominada pseudo-etimológica e não simplesmente etimológica pois a ortografia era baseada nos conhecimentos precários e imaginados, e a escrita etimológica não se realizou plenamente. Com a implantação da República em Portugal, foi adotada a Reforma Ortográfica de 1911, a primeira reforma oficial em Portugal que consistia em modificar a ortografia, numa tentativa de uniformizar e simplificar a escrita. Porém, esta reforma não foi extensiva no Brasil e, assim, houve a divergência entre a ortografia de Portugal e do Brasil até a Reforma Ortográfica que aconteceu em 1943, entre os dois países. Esse fato explica por que o texto de Lisboa, publicado no Brasil, ainda é escrito na ortografia pseudo-etimológica, apesar de ter sido publicado em 1923, após a reforma ortográfica.

---

<sup>4</sup> As respectivas biografias dos tradutores encontram-se em Anexos.

<sup>5</sup> Doravante referida como “Lisboa”.

<sup>6</sup> As traduções de Rosalina Coelho Lisboa, Otto Schneider e Paulo Mendes Campos encontram-se em Anexos.

<sup>7</sup> Um histórico da ortografia na língua portuguesa encontra-se em Anexos.

No conto “O Príncipe Feliz”, pode-se observar claramente os aspectos ortográficos característicos daquela época: a maior parte da grafia das palavras apresentadas no conto é baseada na etimologia e não em fonética, como se escreve atualmente. Segue o quadro com as palavras de ortografia com padrão diferente de hoje<sup>8</sup>:

QUADRO 1 – PALAVRAS COM ORTOGRAFIA DA TRADUÇÃO DE 1923

CARACTERÍSTICA	EXEMPLOS
Dígrafo <i>ph, ch, e rh</i> de origem grega	<i>saphiras, phenomeno, phosphoros, Esphinge</i>
Dígrafo <i>th</i> de origem grega	<i>Cathedral, Mathematica, Ornithologia, throno, Theatro</i>
Uso de <i>y</i> de origem grega	<i>asylados, Egypto, pyramides, crystal, mysterio</i>
Consoante geminada <i>cc</i> de origem latina	<i>accrescentou, seccas, beccos</i>
Consoante geminada <i>ll</i> de origem latina	<i>desilludido, ella, bello, amarella, elle, nella, estrella, dalli, janella, molleiro, collocou, cabelo, camellos, pelles, belleza</i>
Consoante geminada <i>tt</i> de origem latina	<i>admittia, permite, attingiram, attendeu, desattento, Ghetto</i>
Consoante geminada <i>mm</i> de origem latina	<i>commentarios</i>
Consoante geminada <i>pp</i> de origem latina	<i>hippopotamos, aprovou</i>
Consoante geminada <i>ff</i> de origem latina	<i>soffrimento, effeito</i>
Consoante dupla <i>pt</i> de origem latina	<i>optima, prompto, sumptuosas</i>
Consoante dupla <i>mn</i> de origem latina	<i>columna, outomno, somnolencia, somno</i>
Consoante nula <i>h</i> de origem latina	<i>cahiu, comprehendia, prohibindo, hombro</i>
Consoante muda <i>c</i> de origem latina	<i>exactamente, reflectiu, acção, projecto, distincta, objectaram</i>
Pronome oblíquo tônico com preposição <i>com</i>	<i>commigo, comtigo</i>

<sup>8</sup> O Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa de 1990 já é considerado na presente pesquisa.

Som /s/	<i>cançar, massiço, settim, presentiu, exquisita</i>
Som /z/	<i>cortezias, Paraizo</i>
Apóstrofo	<i>E' ("É"), A' ("À")</i>
Letras maiúsculas	<i>Vereadores, Cidade, Cathedral, Mathematica, Primavera, Passifloras, Côrte, Verão, Ghetto, Professor, Ornithologia, Director, Theatro, Miséria, Intendente, Vereadores, Arte</i>
Alternância de <i>i</i> para <i>e</i>	<i>aventaes ("aventais"), constitue ("constitui"), pae ("pai"), vaes ("vais")</i>
Alternância de <i>e</i> para <i>i</i>	<i>si ("se")</i>
Alternância de <i>oi</i> para <i>ou</i>	<i>dous, cousa</i>
Pronome <i>por</i>	<i>Porque (pergunta), porfim, porisso</i>
Acentuação gráfica: palavras com acento	<i>bôa, silênciá, atordôa, déste, vôo, Côrte, ficára ("ficara"), Vôa, fóra</i>
Acentuação gráfica: palavras sem acento	<i>estátua, Príncipe, sanguineo, artístico, util, pratico ("prático"), inicio ("início"), ridiculo, tambem, agua, ha, horrivel, egoismo, lagrimas, possuía, palacio, alem, miséria, proximo, lotus, tumulo, familia, celebre ("célebre"), marmore, publicos, campanario, muitissimo, hippopotamos, papeis, labios, Índia, ninguem, magnificas, ultima, rapida, passaro, Miséria, lividos, Paraizo, louvara ("louvará")</i>

Além da ortografia diferente, algumas palavras na tradução de Lisboa também são outros elementos que dificultam a compreensão dos contos para os leitores de hoje. É difícil encontrar palavras que não apareçam nos dicionários, porém muitos termos já caíram em desuso ou são usados com sentido diferente de hoje:

QUADRO 2 – TERMOS DA TRADUÇÃO DE 1923

ORIGINAL	TRADUÇÃO DE 1923
<i><u>muttered</u> a disappointed man</i>	<i><u>resingou</u> um homem desilludido</i>
<i>said the <u>Charity Children</u></i>	<i>disseram os <u>asylados</u></i>
<i>clean <u>white</u> pinafores</i>	<i>aventaes <u>alvos</u>.</i>
<i>So he <u>flew round and round</u> her</i>	<i><u>principiou</u> a <u>volitar-lhe</u> em torno</i>
<i><u>twittered</u> the other Swallows</i>	<i><u>trinçavam</u> as outras andorinhas.</i>
<i>I am afraid that she is a <u>coquette</u></i>	<i>desconfio que seja um <u>bandoleiro</u></i>
<i>if pleasure be <u>happiness</u>.</i>	<i>si prazer constitue <u>ventura</u>.</i>
<i>'How wonderful the stars are,' he <u>said</u> to her</i>	<i>Que maravilhosas as estrelas, <u>entrefalou</u> elle</i>
<i>but the seamstresses are so <u>lazy</u>.</i>	<i>mas as costureiras são tão <u>indolentes</u>...</i>
<i>Then he flew gently <u>round</u> the bed</i>	<i>Depois, docemente, <u>circumvoltou</u> sobre o leito</i>
<i><u>fanning</u> the boy's forehead with his wings.</i>	<i><u>afflou</u> com as asas a testa da criança.</i>
<i>and in a <u>tumbler</u> by his side there is a bunch of withered violets.</i>	<i>ao lado, num <u>pichel</u>, ha um ramo de violetas murchas.</i>
<i><u>watched</u> the sailors</i>	<i><u>quedou-se a olhar</u> para os marinheiros</i>
<i>he <u>flew</u> back to the Happy Prince.</i>	<i><u>volveu</u> ella ao Principe Feliz.</i>
<i>My companions are <u>building a nest</u></i>	<i>Minhas companheiras estão <u>nidificando</u></i>
<i><u>pink and white</u> doves</i>	<i>emquanto as pombas <u>alvi-roseas</u></i>
<i>watching them, and <u>cooing to each other</u>.</i>	<i>observam <u>arrulhantes</u>.</i>
<i>so <u>bright and glistering</u></i>	<i>De tão <u>luzidias</u>.</i>
<i>the <u>Mayor</u> was walking in the square</i>	<i>o <u>Intendente da Cidade</u> atravessou a praça</i>
<i><u>said</u> the Town Councillors.</i>	<i><u>acquiesceram</u> os Vereadores.</i>
<i><u>pulled down</u></i>	<i><u>apeada</u> do pedestal.</i>
<i><u>dust-heap</u> where the dead Swallow was also lying.</i>	<i><u>cisqueiro</u> onde jazia a Andorinha morta.</i>



Com relação ao estilo, as frases da tradução de Lisboa são despojadas. Muitas vezes, a tradutora utiliza ponto e vírgula no lugar de vírgula ou ponto, tornando as frases bastante curtas. Um exemplo de frase curta pode ser encontrado logo no início do conto, quando o narrador faz uma observação em referência à estátua do Príncipe Feliz:

“Admiravam-no muito.” (Tradução de Lisboa)

“He was very much admired indeed.” (Conto original)

E, na primeira aparição da Andorinha, há uma frase em que Lisboa substitui o ponto do original por ponto e vírgula:

“Suas amigas haviam partido para o Egypto seis semanas antes; ella, porém, ficára, porque estava apaixonada pelo mais bello dos canniços.” (Tradução de Lisboa)

“His friends had gone away to Egypt six weeks before, but he had stayed behind, for he was in love with the most beautiful Reed.” (Conto original)

Além disso, há uma característica particular na tradução de Lisboa, que é o uso das reticências. No conto original, em nenhum momento Wilde usa essa pontuação, mas a tradutora opta por usá-la com vários propósitos. Um deles é o expressivo, indicando desprezo e ironia do narrador pelo vereador da cidade e pelo professor, como nas frases seguintes:

“(...) acrescentou, temendo que o julgassem pouco pratico – o que realmente não era...”

(Tradução de Lisboa)

“(...) he added, fearing lest people should think him unpractical, which he really was not.”

(Conto original)

“E escreveu ao jornal da localidade uma carta muito longa a respeito, carta que todos citaram, pois estava atulhada de palavras que ninguem comprehendia...” (Tradução de Lisboa)

“And he wrote a long letter about it to the local newspaper. Every one quoted it, it was full of so many words that they could not understand.” (Conto original)

As reticências demonstram, também, dúvida e surpresa da Andorinha no momento em que o pássaro indaga por que estaria chovendo e por qual motivo estaria se sentindo tão aquecida:

“Não ha nuvens, as estrellas estão perfeitamente claras e no entanto está chovendo...”

(Tradução de Lisboa)

“there is not a single cloud in the sky, the stars are quite clear and bright, and yet it is raining.” (Conto original)

“E é curioso, notou, apesar de todo o frio sinto-me bem, sinto-me aquecida...” (Tradução de Lisboa)

“‘It is curious,’ he remarked, ‘but I feel quite warm now, although it is so cold.’” (Conto original)

E, quando as reticências são combinadas com o ponto de exclamação, sugere um prolongamento das entonações exclamativas, como nas cenas em que a Andorinha fica irritada com o Caniço e quando o Príncipe está se lembrando da época em que morava no palácio:

“Divertias-te a minha custa!...” (Tradução de Lisboa)

“‘You have been trifling with me’” (Conto original)

“(...) tudo ao derredor era tão lindo!...” (Tradução de Lisboa)

“(...) everything about me was so beautiful.” (Conto original)

Nos diálogos das personagens, a tradutora usa o sinal de travessão para indicar o início das falas, porém muitas vezes não fecha o diálogo com o mesmo sinal, fato que dificultaria a leitura se o leitor fosse menos instruído como uma criança ou um adolescente, por exemplo.

Existe um aspecto curioso em relação ao tratamento de segunda pessoa na tradução de 1923, o fato de que a tradutora usa o pronome pessoal reto de segunda pessoa *tu* e o pronome de tratamento *você*. Na tradução, predomina o uso do pronome pessoal *tu*, porém existem duas ocorrências do uso *você*: logo no início do

conto, quando o professor de matemática está falando com as crianças (“Como sabem? perguntou o professor de Mathematica. Vocês nunca viram um anjo...”), e quando o guarda está expulsando as crianças famintas que estavam debaixo da ponte (“Vocês não podem ficar aqui!”). Esses empregos dos pronomes mostram que a tradutora estava preocupada em mostrar a relação de hierarquização entre os personagens do conto: quando alguém da posição superior, como no caso do professor e do guarda, se refere a alguém da posição inferior, é usado o pronome de tratamento “você”, enquanto quando essa hierarquização é inexistente, observa-se o uso de “tu”, como nos diálogos entre o Príncipe e a Andorinha.

No texto de Lisboa, alguns adjetivos e expressões não são traduzidos, porém é difícil determinar por quais motivos a tradutora fez essas escolhas. Torna-se uma marca desta tradutora a preferência por frases mais ágeis, mais curtas e menos adjetivadas. Aqui, questiona-se a possibilidade dessa intervenção demasiada da tradutora. Quando o texto original não dá muita ênfase à adjetivação, o tradutor teria a alternativa de omitir os adjetivos, porém, no caso da tradução dos textos de Wilde, seria importante manter os adjetivos que o autor utilizou, pois em muitos casos, ele faz muita descrição rica de objetos e paisagens, e o conto “The Happy Prince” não é uma exceção.

### QUADRO 3 – PALAVRAS E EXPRESSÕES OMITIDAS NA TRADUÇÃO DE 1923

ORIGINAL	TRADUÇÃO DE 1923
<i>their <u>bright</u> scarlet cloaks and their <u>clean</u> white pinafores.</i>	<i>mantos vermelhos e aventaes alvos.</i>
<i>he looked up, and saw - <u>Ah! What did he see?</u></i>	<i>Olhou para cima e viu...</i>
<i>asked the Swallow; ‘you have quite drenched me.’</i>	A expressão não foi traduzida.
<i><u>great</u> ruby</i>	<i>rubi</i>
<i>the <u>white</u> marble angels were sculptured.</i>	<i>os anjos de marmore estavam esculpidos.</i>
<i>He visited <u>all</u> the public monuments</i>	<i>Visitou os monumentos publicos</i>

### 3.2 Tradução de Otto Schneider<sup>9</sup>, de 1965

O conto “The Happy Prince” (“O Príncipe Feliz”) foi incluído no livro *Os Mais Brilhantes Contos de Oscar Wilde* traduzido por Otto Schneider, publicado pelas Edições de Ouro, em 1965. Além desses contos, foram traduzidas outras obras de Oscar Wilde: “The Canterville Ghost” (“O Fantasma de Canterville”), “Lord Arthur Savile’s Crime” (“O Crime de Lorde Arthur Savile”), “The Nightingale and the Rose” (“O Rouxinol e a Rosa”), “The Model Millionaire” (“O Modelo Milionário”), “The Fisherman and his Soul” (“O Pescador e a sua Alma”), “The Remarkable Rocket” (“O Foguete Notável”) e “The Star-Child” (“O Filho da Estrêla”).

Como o livro foi publicado em 1965, conseqüentemente as características do texto traduzido se aproximam mais da escrita de hoje se comparadas à publicação de 1923, em especial no que se refere ao aspecto ortográfico. Entretanto, ainda é possível notar algumas características particulares que podem dificultar a leitura para os leitores atuais.

Em 1943, foi redigido o Formulário Ortográfico na primeira Convenção Ortográfica entre Brasil e Portugal, que posteriormente deu origem ao Acordo Ortográfico de 1945 ou conhecido também como Convenção Ortográfica Luso-Brasileira de 1945. Assim, o Brasil também passou a adotar a ortografia que se aproximava da fonética e não mais da etimologia. Portanto, a ortografia na tradução de Schneider não é tão distante daquela adotada hoje, apesar de existirem algumas divergências, tais como o acento diferencial na vogal e como nas palavras *êle*, *vêzes*, *dêle*, *estrêlas*, *êste*, *sêcas*, *sêde* e *gêlo* e o acento diferencial na vogal o como nas palavras *sôbre*, *tôda*, *fôlhas*, *gôsto*, *espôso*, *gôta*, *flôres*, *tôrre*, *pôrto*, *lôdo*, *ôlho*, *fôrças*, acentos abolidos na Reforma Ortográfica de 1971. Há, ainda, o hiato oo acentuado como na palavra *vôo*, o ditongo tônico aberto como na palavra *jóia*, e o uso do trema como na palavra *conseqüência*, regras ortográficas alteradas no Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor somente no ano de 2009.

Os aspectos mais relevantes para se analisar na tradução de Schneider são os lexicais e estilísticos. Na tradução de 1965, encontra-se a preocupação do

---

<sup>9</sup> Doravante referido como “Schneider”.

tradutor em usar estilo e termos mais sofisticados. Um dos aspectos que caracteriza isso são as frases longas escritas na ordem verbo-objeto-sujeito, enquanto a preferência na língua portuguesa é normalmente sujeito-verbo-objeto. Os exemplos são as frases a seguir:

“Uma noite, voou por cima da cidade uma andorinha.” (Tradução de Schneider)

“One night there flew over the city a little Swallow.” (Conto original)

“Depois que partiram, começou ela a sentir-se muito só” (Tradução de Schneider)

“After they had gone he felt lonely” (Conto original)

Essa estrutura transmite ao leitor uma impressão de que o texto é mais poético. Além disso, o tradutor faz bastante uso de mesóclises e ênclises, inclusive nas falas dos personagens. No final do conto, o uso da ênclise é aceitável quando Deus ordena a um dos anjos:

“- Traze-me as duas coisas mais preciosas que houver na cidade” (Tradução de Schneider)

““Bring me the two most precious things in the city”” (Conto original)

Porém, perde-se a noção de colóquio no trecho quando as crianças falam com o professor de matemática ou quando o Príncipe fala com a Andorinha, embora esse deslocamento do pronome deixe a tradução com um tom mais sublime:

“- Ah! temo-los visto em sonhos” (Tradução de Schneider)

““Ah! but we have, in our dreams”” (Conto original)

“o pai bater-lhe-á se não lhe levar para casa algum dinheiro” (Tradução de Schneider)

“Her father will beat her if she does not bring home some money” (Conto original)

Os diálogos traduzidos por Schneider têm características diferentes do texto original conforme mostrados acima, porém o uso de travessão no início e no fim de cada diálogo faz com que a leitura seja mais acessível e com mais movimento, assim como o original que utiliza as aspas como marcação para indicar quando começa e termina um determinado discurso, diferentemente da tradução de Lisboa,

que não deixa claro quando termina uma fala de uma personagem. O exemplo a seguir é o discurso de um dos conselheiros da cidade, logo no início do conto:

“- É bela como um catavento – observou um dos conselheiros da cidade, que pretendia passar por homem de bom gosto artístico; - só não é tão útil – acrescentou logo, com receio de que o tomassem por homem pouco prático, o que de fato não era.” (Tradução de Schneider)

“- E’ lindo como um catavento, observou de uma feita um dos Vereadores da Cidade, ansioso de fama quanto a gosto artístico. Apenas não é tão util, acrescentou, temendo que o julgassem pouco pratico – o que realmente não era...” (Tradução de Lisboa)

“‘He is as beautiful as a weather-cock,’ remarked one of the Town Councillors who wished to gain a reputation for having artistic tastes; ‘only not quite so useful,’ he added, fearing lest people should think him unpractical, which he really was not.” (Conto original)

Com relação ao léxico, o tradutor faz o uso de palavras que não são recorrentes nos textos de hoje e que possivelmente são palavras que podem dificultar a leitura:

#### QUADRO 4 – TERMOS DA TRADUÇÃO DE 1965

ORIGINAL	TRADUÇÃO DE 1965
<i>clean white <u>pinafiores</u>.</i>	<i><u>bibes</u> muito brancos.</i>
<i>and the Reed made him a low <u>bow</u>.</i>	<i>E o junco fazia-lhe uma profunda <u>vênia</u>.</i>
<i>to <u>tire</u> of his lady-love.</i>	<i><u>enfastiar-se</u> do seu amado.</i>
<i>The eyes of the Happy Prince were <u>filled with tears</u></i>	<i>Os olhos do Príncipe Feliz estavam <u>rasos</u> de lágrimas</i>
<i><u>Round</u> the garden</i>	<i><u>Em roda</u> do jardim</i>
<i>the <u>ugliness</u> and all the misery</i>	<i>a <u>fealdade</u> e miséria</i>
<i><u>yellow</u> lions</i>	<i>leões <u>fulvos</u></i>
<i>and hunger has made him <u>faint</u>.</i>	<i>e êle já vai <u>desfalecer</u> de fome.</i>
<i>the living always <u>think</u> that</i>	<i>Os vivos <u>cuidam</u> sempre</i>
<i>the <u>oversser</u> of the workman at the foundry.</i>	<i>disse o <u>capataz</u> da fundição.</i>

Além disso, o leitor que conheça o texto original em inglês pode sentir certa estranheza ao ler algumas palavras da tradução de 1965, pois o tradutor fez a escolha intencionada a fim de dar um tom mais sofisticado ao texto: palavras como *moth*, *lead*, *glass* e *House*, que designam, respectivamente, mariposa, chumbo, vidro e Casa, são traduzidas como *borboleta*, *bronze*, *crystal* e *Mansão*, mostrando claramente a intenção do tradutor. Isso tudo mostra que o escopo do texto traduzido é diferente do texto original: a princípio, o texto de Wilde se destinava aos seus filhos, portanto, apesar de riqueza de linguagem característico do autor, o estilo e os termos utilizados são mais despojados, enquanto Schneider tenta dar um tom elevado ao seu texto. Pode-se dizer o mesmo para o pronome pessoal e de tratamento usados no original e na tradução: no texto traduzido, usa-se o pronome *tu* para todas as personagens, na tentativa de criar um texto mais formal. Porém, essa formalidade é inexistente no texto original, que usa o pronome *you*. Se Wilde tivesse a preocupação em escrever um texto mais formal, teria usado o pronome arcaico *thou*, por exemplo. Em consideração ao estilo, o texto de 1923 é mais próximo do original, comparado com o de 1965.

Schneider comete dois deslizes na sua tradução: no começo do conto, há uma cena em que a mãe briga com seu filho perguntando por que ele não consegue se comportar como o Príncipe Feliz. No texto original, essa mãe é caracterizada como “sensible”, que é um falso cognato que significa sensato(a), entretanto a tradução a apresenta como “sensível”. Outro problema é na mesma cena, quando o narrador faz um discurso dizendo “little boy who was crying for the moon”. “Cry for the moon” é uma expressão idiomática da língua inglesa que significa querer o impossível, querer aquilo que não se pode ter. Schneider traduz a expressão literalmente, “ao filho que lhe pedia a lua, chorando”, embora tenha ficado poético e combinado com o estilo da sua tradução. Já Lisboa encontrou outra saída, traduzindo como “filhinho que chorava de manhoso.”

Por fim, existe a questão do gênero da Andorinha: no texto de Wilde, o gênero do *Swallow* é explicitamente masculino, indicado com pronome pessoal *he* e em nenhum momento do conto foi usado o pronome *it* como costuma ser empregado para os animais na língua inglesa, humanizando, assim, a Andorinha. Na primeira aparição do pássaro, já fica claro o gênero dele: “One night there flew over the city a

little Swallow. His friends had gone away to Egypt six weeks before, but he had stayed behind, for he was in love with the most beautiful Reed.”

No conto, a Andorinha pergunta se ele pode beijar as mãos do Príncipe (“will you let me kiss your hand?”), mas ele responde que deve beijá-lo na boca porque o ama muito (“but you must kiss me on the lips, for I love you.”). Esse fato é relevante, pois o próprio autor do conto foi homossexual assumido. Supostamente, Wilde, por meio da mensagem implícita no seu conto, queria mostrar à sociedade que um amor homossexual poderia ser tão belo quanto o amor heterossexual.

No entanto, os tradutores fizeram a escolha por *ela*, como a Andorinha sendo o pássaro do gênero feminino. Existem duas hipóteses para deduzir tal escolha dos tradutores: primeiro, houve a mudança de gênero devido ao substantivo “andorinha”, que na língua portuguesa é feminino, enquanto na língua inglesa a palavra “swallow” é um gênero neutro e certamente o autor tinha mais liberdade em escolher o gênero. Segundo o dicionário Houaiss, existe a palavra *andorinho* na língua portuguesa, cuja definição é “filhote de andorinha, andorinha pequena ou andorinha macho.” (HOUAISS, 2001), porém ela é incomum no português e, portanto, a escolha dessa palavra para a tradução seria inadequada por soar estranho para um leitor. A segunda hipótese é que a escolha poderia ter sido intencional, principalmente no caso da tradução de Schneider. Na introdução do livro *Os Mais Brilhantes Contos de Oscar Wilde*, Schneider apresenta uma biografia de Wilde. Apesar de descrever vários detalhes sobre a vida do autor, em nenhum momento menciona por qual motivo Wilde foi condenado a dois anos de trabalhos forçados, uma informação que normalmente se encontra com facilidade nas biografias de Wilde:

Sobreveio então a *catástrofe*, em 1895, começando com ela os dois últimos atos. Após rumoroso processo, Oscar Wilde foi condenado a dois anos de trabalhos forçados. Sua fama, que havia sido como um meteoro, súbitamente ruiu por terra. A sociedade, que havia adulado, achava imoral a simples menção do seu nome. Os editôres, antes pródigos em homenagens ao jovem poeta, negavam-se a vender suas obras. (SCHNEIDER, 1965:9 – grifo meu).

Schneider apenas cita que Wilde foi condenado a dois anos de trabalhos forçados devido à *catástrofe*, porém em nenhum momento especifica o que seria essa tal *catástrofe*. A partir desta breve biografia, supõe-se que o tradutor omitiu



intencionalmente o fato de que Wilde teve relações homossexuais com Lord Alfred Douglas. Como não foi possível encontrar muitas informações sobre o tradutor, não é possível levantar hipóteses consistentes, mas talvez isso demonstre a posição do tradutor em relação à ideia de homossexualismo, juntamente com a característica das épocas em que o conto foi traduzido, quando a sociedade ainda não tolerava esse tipo de relacionamento.

Além disso, o gênero da planta *Reed* é apresentado no conto original também, desta vez como feminino, e tem um relacionamento curto com a Andorinha: “(...) the most beautiful Reed. He had met her early in the spring as he was flying down the river after a big yellow moth, and had been so attracted by her slender waist (...)”. Apesar de não ter nenhum discurso, com o gênero definido e suas ações, há a humanização da planta. Novamente, diferentemente do conto de Wilde, os tradutores apresentam o gênero da planta como masculino:

“Certa noite, uma Andorinha voou sobre a cidade. Suas amigas haviam partido para o Egypto seis semanas antes; ella, porém, ficára, porque estava apaixonada pelo mais bello dos canniços. Vira-o no inicio da Primavera (...)” (Tradução de Lisboa)

“Uma noite, voou por cima da cidade uma andorinha. As suas amigas tinham partido para o Egito havia seis semanas; ela, porém, se atrasara, enamorada como estava de um junco muito gracioso. Conhecera-o nos princípios da primavera (...)” (Tradução de Schneider)

Neste caso, especula-se que os tradutores optaram pelo gênero masculino devido à escolha que fizeram para traduzir a palavra “Reed”, “caniço” no caso de Lisboa e “junco” no caso de Schneider, e os dois substantivos fazem parte do gênero masculino na língua portuguesa. Além disso, a escolha pelo substantivo masculino faz com que ele combine com a Andorinha no gênero feminino, nas duas traduções.

Apesar de o gênero das personagens ser um elemento importante para o conto por transmitir a mensagem implícita de Wilde, surge aqui um problema de tradução. Como citado acima, na língua portuguesa o substantivo “andorinha” é do gênero feminino e o termo “andorinho” seria inadequado para ser empregado no conto por ser incomum. E substituir por outra espécie de pássaro também não seria uma solução ideal, pois andorinha é símbolo de retorno e no conto ela está sempre voltando ao Príncipe.

### 3.3 Tradução de Paulo Mendes Campos, de 2005

A tradução do conto “The Happy Prince” mais recente que existe para a língua portuguesa do Brasil é a de Paulo Mendes Campos<sup>10</sup>, publicada no livro *O Príncipe Feliz e Outros Contos* em 2005 pela Editora Ediouro. Além dos contos da coletânea *The Happy Prince and Other Stories*, como “The Happy Prince (‘O Príncipe Feliz’), “The Selfish Giant” (“O gigante egoísta”), “The Devoted Friend” (“O amigo fiel”), “The Remarkable Rocket” (“Um foguete extraordinário”) e “The Nightingale and the Rose” (“O rouxinol e a rosa”), foram traduzidos todos os contos de *A House of Pomegranates*, como “The Young King” (“O reizinho”), “The Birthday of the Infanta” (“O aniversário da infanta”), “The Star-Child” (“O menino-estrela”) e “The Fisherman and his Soul” (“O pescador e sua alma”).

A tradução de Campos é certamente muito mais acessível em comparação às traduções de Lisboa e de Schneider, analisadas acima. Além de a questão ortográfica facilitar a leitura, existe a questão do léxico e da estrutura sintática também.

É evidente que não há muito que discutir sobre a ortografia na tradução de Campos, visto que é mais familiar aos leitores contemporâneos. A única observação seria o fato de o livro ser publicado em 2005, portanto, a ortografia da tradução ainda não foi adaptada à reforma ortográfica que passou a vigorar no Brasil a partir de 2009, o que torna o livro um pouco desatualizado em relação a esse aspecto. Palavras como *idéias*, *vôo* e *assembléia* aparecem com acento no conto.

Em relação às palavras, Campos faz a escolha daquelas que são de fácil compreensão para um leitor adolescente ou até mesmo para uma criança. Na tradução de 2005, muitos termos que aparecem no conto são simplificados ou reiterados, com uma intenção francamente didática do tradutor perante seu leitor:

---

<sup>10</sup> Doravante referido como “Campos”.

QUADRO 5 – TERMOS DA TRADUÇÃO DE 2005

ORIGINAL	TRADUÇÃO DE 2005
<i>Town Councillor</i>	<i>político ou homens importantes</i>
<i>Palace of Sans-Souci</i>	<i>Palácio da Boa Vida</i>
<i>passion-flowers</i>	<i>flores roxas</i>
<i>Professor of Ornithology</i>	<i>professor entendido em aves</i>
<i>Temple of Baalbec</i>	<i>templo muito antigo</i>
<i>red ibises</i>	<i>pássaros vermelhos</i>
<i>Town Clerk</i>	<i>secretário</i>
<i>meeting of Corporation</i>	<i>assembléia de homens importantes</i>

Além das simplificações ou reiteraões desses vocabulários, curiosamente Campos faz escolhas de palavras que tornam o texto mais sofisticado, assim como no caso da tradução de Schneider: palavras como *moth*, *lead* e *House of Death* foram traduzidas para *borboleta*, *bronze* e *País da Morte*, respectivamente.

Em relação ao estilo, o tradutor toma bastante liberdade na tradução do conto e inclusive muitas frases e até algumas cenas são omitidas, o que faz com que o texto oscile entre a tradução e a adaptação. Existem vários trechos que formam quase uma paráfrase no conto inteiro, e aqui foram selecionadas as histórias sobre o Egito contadas pela andorinha, como exemplos:

“– Estão me esperando no Egito. Minhas amigas já estão a passear pelo rio Nilo. Não posso me demorar mais.” (Tradução de Campos)

“My friends are flying up and down the Nile, and talking to the large lotus-flowers. Soon they will go to sleep in the tomb of the great King. The King is there himself in his painted coffin. He is wrapped in yellow linen, and embalmed with spices. Round his neck is a chain of pale green jade, and his hands are like withered leaves.” (Conto original)

“– Estou sendo esperada no Egito. Amanhã, minhas amigas vão visitar uma cachoeira, perto do lugar onde há hipopótamos e leões.” (Tradução de Campos)

“To-morrow my friends will fly up to the Second Cataract. The river-horse couches there among the bulrushes, and on a great granite throne sits the God Memnon. All night long he watches the stars, and when the morning star shines he utters one cry of joy, and then he is silent. At noon the yellow lions come down to the water’s edge to drink. They have eyes like green beryls, and their roar is louder than the roar of the cataract.” (Conto original)

“– E o frio? Daqui a pouco estará nevando. No Egito, o sol brilha sobre as palmeiras e aquece o sono dos crocodilos. Minhas companheiras estão fazendo ninho num templo muito antigo. Tenho de deixá-lo, querido Príncipe, mas nunca me esquecerei de você. Na próxima primavera, quero trazer-lhe duas pedras preciosas para substituir as outras.” (Tradução de Campos)

“‘It is winter,’ answered the Swallow, ‘and the chill snow will soon be here. In Egypt the sun is warm on the green palm-trees, and the crocodiles lie in the mud and look lazily about them. My companions are building a nest in the Temple of Baalbec, and the pink and white doves are watching them, and cooing to each other. Dear Prince, I must leave you, but I will never forget you, and next spring I will bring you back two beautiful jewels in place of those you have given away. The ruby shall be redder than a red rose, and the sapphire shall be as blue as the great sea.’” (Conto original)

“No dia seguinte, pousada no ombro da estátua, falou-lhe das coisas que tinha visto em terras estranhas: dos pássaros vermelhos das margens do Nilo; da esfinge de pedra, tão velha quanto o mundo, que vive no deserto e sabe tudo; das caravanas de camelos que levam e trazem tesouros; da serpente sagrada, que dorme na palmeira e come bolos de mel; dos pigmeus, que navegam em grandes folhas e andam sempre em guerra com as borboletas.” (Tradução de Campos)

“All the next day he sat on the Prince’s shoulder, and told him stories of what he had seen in strange lands. He told him of the red ibises, who stand in long rows on the banks of the Nile, and catch gold fish in their beaks; of the Sphinx, who is as old as the world itself, and lives in the desert, and knows everything; of the merchants, who walk slowly by the side of their camels and carry amber beads in their hands; of the King of the Mountains of the Moon, who is as black as ebony, and worships a large crystal; of the great green snake that sleeps in a palm-tree, and has twenty priests to feed it with honey-cakes; and of the pygmies who sail over a big lake on large flat leaves, and are always at war with the butterflies.” (Conto original)

Como se pode observar, os trechos acima são bastante reduzidos; em geral, na tradução do inglês para o português, as frases da língua de chegada geralmente ficam mais extensas, mas no caso da tradução de 2005 as sentenças ficaram menores que o original. Sem dúvida, essa adaptação torna a leitura muito mais acessível; porém, perde a noção de riqueza na descrição de Wilde, uma das características mais marcantes deste conto. Especula-se que o tradutor tenha reduzido alguns trechos considerando as crianças como público-alvo ou, ainda, tenha sido exigência da editora.

Assim como nas traduções de Lisboa e de Schneider, na tradução de Campos também parece não haver a valorização dos gêneros dos personagens do conto. A palavra *Swallow* é traduzida como *andorinha* do gênero feminino e *Reed* como *caniço* do gênero masculino.

Por fim, existe a questão da repetição de estrutura, característica bastante evidente em “The Happy Prince”. Wilde, em seu conto, usa o recurso da repetição de frases ou usa estruturas parecidas entre si, principalmente nos diálogos entre o Príncipe e a Andorinha. Na tradução de Lisboa e de Schneider, ainda se pode observar a preocupação de preservar a repetição das frases, apesar de algumas orações serem estruturadas de maneira diferente; já Campos parece abrir mão desse recurso:

#### QUADRO 6 – QUADRO COMPARATIVO ENTRE AS TRADUÇÕES EM RELAÇÃO À REPETIÇÃO DE ESTRUTURA

Conto original	<i>I am waited for in Egypt</i>
	<i>I am waited for in Egypt</i>
Tradução de Lisboa	<i>Esperam por mim no Egypto.</i>
	<i>Esperam por mim no Egypto.</i>
Tradução de Schneider	<i>Esperam-me no Egito.</i>
	<i>Esperam-me no Egito.</i>
Tradução de Campos	<i>Estão me esperando no Egito.</i>
	<i>Estou sendo esperada no Egito.</i>

Conto original	<i>'Swallow, Swallow, little Swallow,' said the Prince, 'will you not stay with me for one night</i>
	<i>'Swallow, Swallow, little Swallow,' said the Prince, 'will you not stay with me one night longer?</i>
	<i>'Swallow, Swallow, little Swallow,' said the Prince, 'will you not stay with me one night longer?</i>
Tradução de Lisboa	<i>Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha, porque não ficas commigo por uma noite?</i>
	<i>Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha, porque não ficas commigo uma noite a mais?</i>
	<i>Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha, fica uma noite a mais.</i>
Tradução de Schneider	<i>Andorinha, andorinha, querida andorinha – disse o Príncipe. – Não queres permanecer comigo numa só noite</i>
	<i>Andorinha, andorinha, querida andorinha – disse o Príncipe. – Não queres passar mais uma noite comigo?</i>
	<i>Andorinha, andorinha, querida andorinha – disse êle. – Não queres ficar mais uma noite comigo?</i>
Tradução de Campos	<i>Andorinha, andorinha, fique comigo uma noite;</i>
	<i>Andorinha, minha boa andorinha, passe mais uma noite comigo.</i>
	<i>Passe mais uma noite comigo, andorinha.</i>

Conto original	<i>'but I will stay with you for one night,</i>
	<i>'I will wait with you one night longer,' said the Swallow</i>
	<i>'I will stay with you one night longer,' said the Swallow</i>
Tradução de Lisboa	<i>mas eu ficarei contigo por uma noite</i>
	<i>Ficarei contigo mais uma noite, respondeu a Andorinha</i>
	<i>Ficarei contigo mais uma noite, tornou a Andorinha</i>

Tradução de Schneider	<i>No entanto, permanecerei contigo uma noite</i>
	<i>Ficarei contigo mais uma noite – disse a andorinha.</i>
	<i>Ficarei contigo mais uma noite – disse a andorinha.</i>
Tradução de Campos	<i>Está bem; apesar do (...), passarei aqui uma noite.</i>
	<i>Está bem – disse a andorinha</i>
	<i>Fico com você mais uma noite</i>

Conto original	<i>So the Swallow picked out the great ruby from the Prince's sword, and flew away</i>
	<i>So the Swallow plucked out the Prince's eye, and flew away</i>
	<i>So the Swallow plucked out the Prince's other eye, and darted down</i>
Tradução de Lisboa	<i>Então a Andorinha arrancou o rubi da espada e com elle no bico voou</i>
	<i>Então a Andorinha arrancou um dos olhos do Príncipe e levantou o vôo</i>
	<i>A Andorinha arrancou a saphira, baixou com ella</i>
Tradução de Schneider	<i>A andorinha arrancou então da espada do príncipe o grande rubi, levando-o</i>
	<i>Então a andorinha arrancou um dos olhos do Príncipe e voou</i>
	<i>A andorinha arrancou-lhe então o outro olho e partiu</i>
Tradução de Campos	<i>Arrancou o rubi da espada do Príncipe e voou com ele</i>
	<i>Ela arrancou um dos olhos do Príncipe e voou</i>
	<i>A andorinha arrancou-lhe a safira e voou</i>

Conto original	<i>'Swallow, Swallow, little Swallow,' said the Prince, 'do as I command you.'</i>
	<i>'Swallow, Swallow, little Swallow,' said the Prince, 'do as I command you.'</i>
Tradução de Lisboa	<i>Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha, faze o que te ordeno.</i>
	<i>Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha, faze o que te ordeno.</i>

Tradução de Schneider	<i>Andorinha, andorinha, querida andorinha – disse o Príncipe – faze o que te ordeno.</i>
	<i>Andorinha, andorinha, querida andorinha, faze o que te mando – disse o Príncipe.</i>
Tradução de Campos	<i>Andorinha, minha boa andorinha, faça o que lhe digo.</i>
	<i>Andorinha, andorinha, faça como lhe digo.</i>

Apesar de a repetição ser considerada vício de linguagem na prosa, o conto de Wilde é considerado poesia no formato de prosa por muitos críticos, portanto seria importante manter essa característica na tradução.

Nos próximos capítulos, será apresentada a abordagem funcionalista e o modelo proposto por Christiane Nord e, em seguida, será apresentada a nova tradução baseada nessas considerações teóricas.



## 4. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

### 4.1 Histórico da Abordagem Funcionalista

A noção do funcionalismo alemão é ainda bastante recente, mas já exerce grande influência sobre o estudo da tradução. O funcionalismo foi proposto primeiramente por Katharina Reiss<sup>11</sup>, no livro *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik (Possibilidades e Limites da Crítica de Tradução)*, publicado em 1971. Nesse livro considerado inaugural, Reiss formula um modelo de crítica de tradução baseada relação de função entre o texto de partida e de chegada, ou seja, na tradução ideal, os textos de partida e de chegada devem possuir equivalência em forma e na função comunicativa. Reiss estabelece uma tipologia textual para auxiliar os tradutores no encargo tradutório. Porém, Reiss reconhece que existem situações em que a equivalência não é possível nem mesmo viável, mas elas são consideradas exceções pela teórica. Com o surgimento do funcionalismo, o estudo da tradução começava a tomar caminhos diferentes: antes, buscava-se a equivalência na forma e no conteúdo, mas passou-se a considerar a função do texto como fator relevante para o encargo tradutório.

No final da década de 70, Hans J. Vermeer<sup>12</sup>, aluno de Reiss, desenvolve uma teoria denominada *Skopostheorie* (teoria do escopo), complementando a ideia proposta por Reiss. Segundo Vermeer, tradução é um tipo de ação humana, e qualquer ação humana envolve uma intenção em uma determinada situação. Como as situações estão inevitavelmente inseridas em culturas, Vermeer sugere uma teoria cultural da tradução, indo além da teoria linguística da tradução. Assim, o texto de chegada é considerado mais importante, diferentemente do que se acreditava até então: dependendo do escopo, a tradução pode divergir do texto de partida, sendo este uma mera “oferta de informação”. Christiane Nord<sup>13</sup> define a Teoria do Escopo de Vermeer de seguinte forma: “Em *Skopostheorie* de Vermeer, o escopo de uma

---

<sup>11</sup> Doravante referida como “Reiss”.

<sup>12</sup> Doravante referido como “Vermeer”.

<sup>13</sup> Doravante referida como “Nord”.

tradução é determinado pela função que o texto de chegada tem a intenção de atingir.”<sup>14</sup> (NORD, 2005:27 – tradução minha).

No livro *Grundlegung einer allgemeine Translationstheorie (Fundamentos para uma Teoria Funcional de Tradução)* publicado em 1984, Vermeer apresenta os princípios básicos da Teoria do Escopo, e Reiss inclui sua tipologia textual como um caso específico da teoria geral de Vermeer. Neste contexto, a tradução não se resume à equivalência funcional entre texto de partida (A) e texto de chegada (B) [ $f_A = f_B$ ], mas a tradução (Trl) é determinada pelo seu escopo (sk), ou seja, [Trl. = f(sk)]. Assim, a tradução é um texto novo com a finalidade do texto de chegada, sendo o escopo mais importante que o texto original.

Após o surgimento do funcionalismo que foi desenvolvido por Reiss e Vermeer, Christiane Nord retomou as teorias e criou um modelo a fim de torná-las acessíveis e colocá-las em prática.

#### **4.2 Modelo Nord**

Atualmente, Nord é considerada uma das teóricas mais influentes nos estudos da tradução. Seu livro *Text Analysis in Translation – Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation Oriented Text Analysis (Análise Textual na Tradução – Teoria, Metodologia e Aplicação Didática de um Modelo de Análise Textual Aplicada à Tradução)*, publicado em 1991, apresenta um modelo de tradução baseando no funcionalismo alemão e na teoria do escopo. A análise textual é dividida em duas grandes partes: fatores extratextuais e fatores intratextuais. Os fatores extratextuais são aqueles que podem ser analisados antes da leitura do texto, pela observação da situação na qual o texto é produzido e utilizado, enquanto os fatores intratextuais se referem às características do texto em si. Para ilustrar esses conceitos, propõe-se o quadro a seguir:

---

<sup>14</sup> Cf. original: “In Vermeer’s *Skopostheorie* the skopos of a translation is determined by the function which the target text is intended to fulfil.” (NORD, 2005:27 – grifo no original)

QUADRO 7 – FATORES EXTRATEXTUAIS NO MODELO NORD

<b>Fatores Extratextuais</b>	
Autor ou emissor	Quem transmite?
Público	Para quem?
Intenção do emissor	Para quê?
Meio ou canal	Por qual meio?
Local	Onde?
Tempo	Quando?
Motivo	Por quê?
Função textual	Com qual função?

QUADRO 8 – FATORES INTRATEXTUAIS NO MODELO NORD

<b>Fatores Extratextuais</b>	
Assunto	Sobre qual assunto
Informação ou conteúdo	O quê?
Pressuposições do autor	O que (não) é dito?
Composição ou construção	Em qual ordem?
Elementos não linguísticos ou paralinguísticos	Quais elementos não verbais são usados?
Léxico	Com quais palavras?
Estruturas sintáticas	Em que tipo de frases?
Aspectos suprasegmentais de entonação e prosódia	Com qual tom?

Em relação à tradução literária, Nord afirma o seguinte:

A intenção deste capítulo não era apresentar uma nova teoria de tradução literária. Entretanto, ele deve mostrar que a tradução literária não é apenas uma arte que resiste a abordagens teóricas e metodológicas. (NORD, 1997:103)<sup>15</sup>

No mesmo capítulo, Nord descreve os aspectos a serem considerados pelo tradutor ao analisar o texto de partida: emissor ou autor, intenção, receptores, meio, local, tempo, motivo, mensagem e efeito ou função. Nem todos esses elementos são encontrados em todos os textos literários, porém a análise do texto de partida baseada nesses fatores é fundamental nas decisões do tradutor.

Ao traduzir o conto “The Happy Prince”, levou-se em consideração o modelo Nord, em especial a principal intenção de Wilde, que seria a crítica à sociedade, um dos assuntos mais abordados pelo autor em muitas obras. E, por se tratar de um *fairy tale* ou contos de fadas, os públicos-alvo seriam crianças e adolescentes, portanto buscou-se manter o estilo despojado do autor para não causar dificuldade ao leitor.

---

<sup>15</sup> Cf. original: “This chapter was not intended to present a new theory of literary translation. Yet it should have shown that literary translation is not just an art that resists theoretical or methodological approaches.”(NORD, 1997:103)

## 5. TRADUÇÃO

### O Príncipe Feliz<sup>16</sup>

Na parte mais alta da cidade, numa alta coluna, ficava a estátua do Príncipe Feliz. Era toda coberta de folhas finas de ouro, no lugar dos olhos havia duas safiras brilhantes, e um enorme rubi enfeitava o cabo da sua espada.

O Príncipe era de fato muito admirado por todos.

– É bonito como um galo dos ventos – observou um dos Conselheiros da Cidade, querendo ganhar a fama de alguém com bom gosto artístico – Só não é muito útil – acrescentou, com receio de que o tomassem por um homem pouco prático, o que realmente ele não era.

– Por que você não é como o Príncipe Feliz? – perguntou uma mãe perspicaz ao seu filhinho que teimava em chorar – O Príncipe Feliz nunca chora por nada.

– Ainda bem que existe alguém feliz neste mundo – murmurou um homem desiludido, admirando a estátua maravilhosa.

– Parece um anjo – disseram as crianças do orfanato ao saírem da catedral com seus mantos vermelhos brilhantes e seus aventais brancos e limpos.

– Como vocês sabem? – perguntou o Professor de Matemática – Vocês nunca viram um anjo.

– Ah, vimos sim, em nossos sonhos – responderam as crianças. E o professor, com ar severo, franziu a testa, pois não aprovava que as crianças fossem sonhadoras.

Certa noite, uma Andorinha macho<sup>17</sup> sobrevoou a cidade. Seu bando havia partido para o Egito há seis semanas, mas ela<sup>18</sup> ficara para trás, pois se apaixonara pela mais bela planta de Junco. A Andorinha a conhecera no começo da primavera, quando descia o rio atrás de uma enorme mariposa amarela. Ficara tão encantada com a cintura esbelta da planta que resolveu parar para conversar com ela.

---

<sup>16</sup> O conto original encontra-se em Anexos.

<sup>17</sup> Cf. original: “a little Swallow”. Optou-se traduzir por “Andorinha” apenas, pois a palavra já remete à ideia do diminutivo e “pequena Andorinha” seria redundante.

<sup>18</sup> O conto original deixa claro que a Andorinha era do gênero masculino com o uso do pronome “he”. Entretanto, na língua portuguesa a palavra “andorinha” é um substantivo feminino.

– Quer ser minha namorada? – perguntou a Andorinha de um modo bem direto, e a planta fez uma reverência profunda. Então o pássaro voou várias vezes ao redor dela, tocando a água com as asas, formando ondas prateadas. Assim ele fazia a corte, que durou todo o verão.

– É um relacionamento ridículo – chilreavam as outras Andorinhas – Ela não tem dinheiro e tem uma família grande – e, de fato, o rio estava cheio de Juncos.

E então, quando chegou o outono, todos partiram. Depois que foram embora, a Andorinha se sentiu só e começou a se aborrecer com a sua amada.

– Ela não tem assunto, e suponho que seja leviana, já que está sempre flertando com o vento – E, realmente, sempre que o vento soprava, o Junco fazia os movimentos mais graciosos – Além disso, ela é muito doméstica – continuou – mas eu gosto de viajar, e a minha esposa também tem que gostar de fazer o mesmo.

– Quer vir comigo? – por fim, sugeriu a Andorinha. Mas a planta balançou a cabeça negativamente, por ser muito apegada ao lar.

– Você se divertiu às minhas custas – gritou a Andorinha – Vou-me embora para as pirâmides. Adeus! – e foi embora para longe.

A Andorinha voou o dia inteiro, e chegou à cidade de noite.

– Onde será que posso descansar? – disse – Espero que a cidade tenha feito preparativos.

Então ela avistou a estátua sobre a alta coluna.

– Vou descansar ali – disse – Está numa localização boa, com muito ar fresco – Assim, ela pousou bem entre os pés do Príncipe Feliz.

– Tenho uma cama de ouro – disse baixinho para si mesmo, olhando ao redor e se preparou para dormir. Mas, quando estava ajeitando a cabeça sob as asas, uma gota-d'água caiu sobre a Andorinha.

– Que estranho! – gritou – Não tem uma nuvem no céu, as estrelas estão brilhando, mas ainda assim está chovendo. O clima no norte da Europa é realmente horrível. O Junco gostava de chuva, mas era por puro egoísmo.

E caiu outra gota.

– Para que serve uma estátua se não consegue me proteger da chuva? – disse – Preciso procurar uma boa chaminé – e decidiu voar.

Mas antes de abrir as asas, uma terceira gota caiu, e ela olhou para cima, e viu – Ah! O que ela viu?

Os olhos do Príncipe Feliz estavam cheios de lágrimas, que escorriam pela face dourada. Seu rosto era tão bonito à luz da lua que a Andorinha foi tomada de pena.

– Quem é você? – perguntou.

– Eu sou o Príncipe Feliz.

– Então por que você está chorando? – perguntou a Andorinha – Você me molhou.

– Quando eu era vivo e tinha um coração humano – respondeu a estátua – eu não sabia o que eram lágrimas, pois morava no palácio de Sans-Souci<sup>19</sup>, onde a entrada da dor não era permitida. Durante o dia, eu brincava com meus companheiros no jardim, e à noite conduzia a dança no Grande Salão. Havia um muro elevado ao redor do jardim, mas nunca me importei em perguntar o que havia além do muro, pois tudo ao meu redor era muito bonito. Meus cortesãos me chamavam de Príncipe Feliz, e eu era mesmo feliz, se felicidade consiste em prazer. Assim vivi, e assim morri. E agora que estou morto, me puseram neste lugar tão alto que consigo ver toda a feiura e a miséria da minha cidade e, apesar de o meu coração ser feito de chumbo, não consigo conter as lágrimas.

– O quê? Quer dizer que ele não é feito de ouro maciço? – a Andorinha apenas pensou, pois ela era muito educada para fazer observações pessoais em voz alta.

– Longe daqui – continuou a estátua em uma voz baixa e musical – longe daqui, numa ruela, existe uma choupana. Uma das janelas está aberta, e através dela consigo ver uma mulher sentada à mesa. Seu rosto é magro e abatido, e ela tem mãos ásperas e vermelhas, toda furada de agulha, por ser costureira. Ela está bordando passifloras no vestido de cetim para a mais bela dama de honra da Rainha vestir no próximo Baile da Corte. No canto do quarto, seu filhinho está doente na cama. Ele tem febre, e está pedindo laranjas. Sua mãe não tem nada para dar além da água do rio, por isso ele está chorando. Andorinha, Andorinha, minha Andorinha, você pode arrancar o rubi do punho da minha espada e levar para a mulher? Meus pés estão presos neste pedestal e não consigo me mover.

---

<sup>19</sup> Sans-Souci é o palácio de Frederico o Grande, Rei da Prússia, que era supostamente homossexual.

– Meus amigos estão me esperando no Egito – disse a Andorinha – Eles estão sobrevoando o rio Nilo, e conversando com as grandes flores de lótus. Logo, eles dormirão no túmulo do grande Rei. O Rei está repousando no seu caixão pintado, envolto em linho amarelo, e embalsamado com incenso. Seu pescoço está ornado de corrente de jade verde, e suas mãos parecem folhas murchas.

– Andorinha, Andorinha, minha Andorinha – disse o Príncipe – não ficará uma noite comigo e ser meu mensageiro? O menino está com tanta sede, e a mãe está tão triste.

– Acho que não gosto de meninos – respondeu a Andorinha – No verão passado, quando ia ao rio, dois meninos rudes, filhos de moleiro, sempre atiravam pedras em mim. Claro que eles nunca me acertavam, pois nós, andorinhas, voamos muito rápido e, além disso, provenho de uma família famosa pela agilidade; mas, ainda assim, era falta de educação.

Mas o Príncipe Feliz parecia tão triste que a pequena Andorinha ficou com pena.

– Faz muito frio aqui – disse – mas vou ficar com você por uma noite, e serei seu mensageiro.

– Obrigado, minha Andorinha – agradeceu o Príncipe.

Então, a Andorinha arrancou o enorme rubi da espada do Príncipe e voou com a joia no bico sobre os telhados da cidade.

Ela passou pela catedral, cuja torre tinha anjos brancos esculpidos em mármore. Passou pelo palácio e ouviu o som da dança. Uma linda moça apareceu na sacada com seu namorado.

– Como as estrelas estão lindas – o jovem se dirigiu à amada – e como o poder do amor é maravilhoso!

– Espero que o meu vestido esteja pronto até o Baile Municipal – respondeu a jovem – Pedi que bordassem passifloras nele, mas as costureiras são tão preguiçosas!

A Andorinha passou pelo rio, e avistou as lanternas penduradas nos mastros dos navios. Passou pelo gueto, e viu os velhos judeus comercializando entre si, e pesando dinheiro nas balanças de cobre. Finalmente chegou à choupana e deu uma olhada dentro. O menino se debatia febrilmente na cama, e a mãe havia adormecido, de tanto cansaço. A Andorinha entrou, e deixou o enorme rubi na mesa



ao lado do dedal da costureira. Depois disso, voou gentilmente até a cama e, com as asas, abanou a testa do menino.

– Estou me sentindo mais fresco – disse o menino – Devo estar melhorando – e mergulhou num sono gostoso.

Depois disso, a Andorinha voltou ao Príncipe Feliz e contou-lhe o que havia feito.

– Que estranho – observou a Andorinha – mas agora estou me sentindo mais aquecida, apesar de estar fazendo muito frio.

– É porque você praticou uma boa ação – explicou o Príncipe. E a pequena Andorinha começou a pensar e adormeceu. Pensar sempre a deixava com sono.

Quando amanheceu, a Andorinha voou rio abaixo e tomou um banho.

– Que fenômeno curioso! – disse o Professor de Ornitologia enquanto atravessava a ponte – Uma andorinha no inverno! – E escreveu uma longa carta sobre o assunto ao jornal local. Todos comentaram a carta, pois estava cheia de palavras que ninguém entendia.

– Esta noite vou para o Egito – disse a Andorinha, feliz com a possibilidade. Ela visitou todos os monumentos públicos, e permaneceu por um longo tempo na torre da igreja.

Em todos os lugares em que passava, os outros Pardais chilrearam, comentando entre si:

– Que estrangeira diferente!

E a Andorinha se orgulhava muito com isso, sentindo-se muito feliz.

Quando a lua surgiu, ela voltou ao Príncipe Feliz.

– Tem algum recado para o Egito? – perguntou – Já estou partindo.

– Andorinha, Andorinha, minha Andorinha – disse o Príncipe – não ficará mais uma noite comigo?

– Meus amigos estão me esperando no Egito – respondeu a Andorinha – Amanhã eles voarão à Segunda Catarata. Os hipopótamos descansam nos juncos, e sobre um trono de granito senta o Deus Memnon. Durante toda a noite ele admira as estrelas, e quando a estrela da manhã brilha, ele dá um grito de alegria, e volta ao silêncio. À tarde, os leões amarelos chegam à beira do rio para beber água. Eles têm olhos como berilos verdes, e seu rugido é mais alto que o rugido da catarata.

– Andorinha, Andorinha, minha Andorinha – disse o Príncipe – longe daqui, no outro lado da cidade, vejo um jovem em um sótão. Ele está debruçado sobre uma mesa coberta de papéis, e no vaso ao seu lado há um ramo de violetas murchas. Seu cabelo é crespo e castanho, seus lábios são vermelhos como uma romã, e tem olhos grandes e sonhadores. Está tentando terminar uma peça para o Diretor do Teatro, mas está com tanto frio que não consegue escrever mais. Não há fogo na lareira, e ele desmaiou de fome.

– Ficarei com você mais uma noite – disse a Andorinha, que realmente tinha um bom coração – Quer que eu leve outro rubi para ele?

– Ah! Não tenho mais rubis – disse o Príncipe – mas sobraram os meus olhos. São feitos de safiras raras, trazidas da Índia há centenas de anos. Arranque um e leve até ele, assim venderá ao joalheiro, comprará comida e lenha e terminará a peça.

– Meu Príncipe – disse a Andorinha – Não posso fazer isso – e começou a chorar.

– Andorinha, Andorinha, minha Andorinha – disse o Príncipe – faça o que estou pedindo.

Então, a Andorinha arrancou o olho do Príncipe e voou até o sótão do estudante. Foi fácil entrar no quarto, pois havia um buraco no telhado e entrou através dele. O jovem tinha a cabeça enterrada nas mãos, por isso não ouviu o bater das asas do pássaro, e quando ele levantou a cabeça, encontrou uma linda safira entre as violetas murchas.

– Estou começando a ser reconhecido – gritou o homem – isto deve ser de algum grande admirador. Agora posso acabar a minha peça – e parecia muito feliz.

No dia seguinte, a Andorinha voou até o porto. Ela pousou no mastro de um enorme navio e observou os marinheiros transportando grandes caixas amarradas às cordas. Os marinheiros gritavam enquanto jogavam as caixas.

– Estou indo para Egito! – gritou a Andorinha, mas ninguém lhe deu atenção. Quando a lua surgiu, ela voltou ao Príncipe Feliz.

– Vim lhe dizer adeus – disse a Andorinha.

– Andorinha, Andorinha, minha Andorinha – disse o Príncipe – não ficará mais uma noite comigo?

– É inverno – respondeu a Andorinha – e logo chegará a neve gelada. No Egito, o sol aquece as palmeiras verdes, e os crocodilos deitam-se na lama e olham ao redor preguiçosamente. Minhas companheiras estão construindo ninhos no Templo de Baalbec, e as pombas rosas e brancas conversam entre elas, enquanto as observam. Meu Príncipe, devo deixá-lo, mas nunca vou esquecer-lo, e na próxima primavera trarei duas joias no lugar daquelas que você perdeu. O rubi será mais rubro que uma rosa vermelha e a safira será azul como um belo mar.

– Na praça abaixo – disse o Príncipe Feliz – uma vendedora de fósforos está de pé. Ela deixou cair os fósforos numa sarjeta, e todos se estragaram. Seu pai baterá nela se não levar algum dinheiro para casa, e ela está chorando. Ela não tem sapatos nem meias, e sua cabeça está descoberta. Arranque meu outro olho, e leve até a menina, e seu pai não baterá nela.

– Ficarei com você mais uma noite – disse a Andorinha – mas não posso arrancar seu olho. Se eu fizer isso, você ficará completamente cego.

– Andorinha, Andorinha, minha Andorinha – disse o Príncipe – faça o que estou pedindo.

Então, a Andorinha arrancou outro olho do Príncipe, e voou com ele. Ela sobrevoou a vendedora de fósforos, e deixou cair a joia na palma da mão da menina.

– Que pedaço de vidro bonito! – gritou a menina, e correu para casa rindo.

A Andorinha voltou ao Príncipe.

– Você está cego agora – disse – então ficarei com você para sempre.

– Não, minha Andorinha – disse o Príncipe – Você precisa partir ao Egito.

– Ficarei com você para sempre – disse a Andorinha, e dormiu nos pés do Príncipe.

Durante todo o dia seguinte, a Andorinha pousou no ombro do Príncipe e contou-lhe sobre o que havia visto em terras estranhas. Contou sobre as íbis vermelhas, que formavam fileiras na beira do Rio Nilo, e pegavam peixes dourados com bicos; sobre a Esfinge, que é tão antiga quanto o próprio mundo e mora no deserto, e sabe de tudo; sobre os mercadores, que andam vagarosamente ao lado de seus camelos, e carregam contas de âmbar nas mãos; sobre o Rei das Montanhas da Lua, que é negro como ébano, e venera um enorme cristal; sobre a grande serpente verde que dorme em uma palmeira, e possui vinte sacerdotes para

alimentá-la com bolos de mel; e sobre os pigmeus que navegam um enorme lago sobre enorme folhas chatas, e que estão sempre em guerra com as borboletas.

– Minha Andorinha – disse o Príncipe – você me conta coisas surpreendentes, mas a coisa mais surpreendente de todas é o sofrimento dos homens e das mulheres. Não há Mistério maior que a Miséria. Voe sobre a minha cidade, minha Andorinha, e me conte o que você vê nela.

Então a Andorinha voou pela grande cidade e viu os ricos se divertindo em suas casas suntuosas, enquanto os mendigos sentavam na frente dos portões. Ela voou pelas ruelas escuras e encontrou rostos lívidos de crianças famintas olhando apaticamente as ruas escuras. Debaixo da arcada de uma ponte, dois menininhos estavam deitados e abraçados para se manterem aquecidos.

– Estamos com tanta fome! – diziam.

– Vocês não podem dormir aqui! – gritou o guarda, e os expulsou para a chuva.

A Andorinha voltou e contou ao Príncipe o que havia visto.

– Estou coberto de folhas de ouro fino – disse o Príncipe – você deve tirá-las, uma por uma, e levar aos pobres. Os vivos sempre acham que o ouro pode fazê-los felizes.

A Andorinha então começou a tirar o ouro, folha por folha, até que o Príncipe Feliz ficou cinza e feio. A Andorinha levava o ouro aos pobres, folha por folha, e as crianças se tornavam mais alegres, rindo e brincando nas ruas.

– Agora temos pão! – exclamavam.

A neve chegou, seguida de geada. As ruas ficaram brilhantes e cintilantes, como se fossem feitas de prata. Pingentes de gelo longo como adagas de cristal pendiam dos telhados das casas. Todos saíam com casacos de pele e os meninos vestiam gorros escarlates e patinavam no gelo.

A pobre Andorinha sentia cada vez mais frio, mas não queria deixar o Príncipe que tanto amava. Ela pegava migalhas de pão na entrada da padaria quando o padeiro não estava vendo e tentava se manter aquecida batendo as asas.

Mas finalmente pressentiu que ia morrer. Mal teve forças para voar até o ombro do Príncipe pela última vez.

– Adeus, meu Príncipe! – disse baixinho – posso beijar a sua mão?

– Estou feliz por saber que você está finalmente partindo para Egito – disse o Príncipe – Você ficou muito tempo aqui. Mas você deve me beijar nos lábios, porque eu amo você.

– Não estou indo para Egito – disse a Andorinha – Estou indo para Casa da Morte. A Morte é a irmã do Sono, não é?

A Andorinha beijou os lábios do Príncipe Feliz, e em seguida caiu morta aos pés dele.

Nesse momento, ouviu-se um som estranho dentro da estátua, como se alguma coisa tivesse quebrado. O coração de chumbo havia se partido em dois. De fato, a geada era mesmo intensa.

Na manhã seguinte, o Prefeito estava andando na praça com os Conselheiros da Cidade. Ao passarem ao lado da coluna, olharam para a estátua.

– Meu Deus! Como o Príncipe Feliz está deplorável! – disse o Prefeito.

– Como está deplorável mesmo! – gritaram os Conselheiros da Cidade, que sempre concordavam com o Prefeito, e subiram para observar a estátua de perto.

– O rubi caiu da espada, os olhos se foram, e já não é mais dourado – disse o Prefeito – Na verdade, está um pouco melhor que um mendigo!

– Um pouco melhor que um mendigo! – disseram os Conselheiros da Cidade.

– E ainda por cima tem um pássaro morto a seus pés! – continuou o Prefeito – Precisamos publicar um decreto proibindo aos pássaros morrerem aqui.

E o Escrivão da Cidade tomou nota da sugestão.

Assim, resolveram derrubar a estátua do Príncipe Feliz.

– Já que deixou de ser belo, deixou de ser útil – disse o Professor de Arte da Universidade.

Derreteram a estátua em uma fornalha, e o Prefeito convocou uma assembleia da Corporação para decidir o que poderia ser feito com o metal.

– Precisamos criar uma outra estátua, claro – disse o Prefeito – e será a minha estátua.

– A minha estátua – cada um dos Conselheiros da Cidade disse, e brigaram. Na última vez que ouvi sobre eles, ainda estavam brigando.

– Que estranho! – disse o supervisor da fornalha – Este coração de chumbo quebrado não derrete na fornalha. Temos que jogá-lo fora.

E jogaram o coração no depósito, onde estava a Andorinha morta.

– Traga-me as duas coisas mais preciosas da cidade – disse Deus a um dos Seus Anjos. O Anjo levou o coração de chumbo e o pássaro morto.

– Fez a escolha certa – disse Deus – este passarinho cantará no jardim do meu Paraíso eternamente, e o Príncipe Feliz me louvará na minha cidade de ouro.

## 6. CONCLUSÃO

No presente trabalho foram analisadas as traduções existentes do conto intitulado “The Happy Prince” do escritor irlandês Oscar Wilde, em especial a tradução publicada em 1923, de Rosalina Coelho Lisboa, a de 1965, de Otto Schneider e a de 2005, de Paulo Mendes Campos e, em seguida, foi proposta uma nova tradução para o mesmo conto.

Ao realizar a pesquisa observou-se que as traduções mais antigas causam maior dificuldade de leitura ao leitor contemporâneo, principalmente em relação aos aspectos lexicais e ortográficos, devido à língua estar em constante mudança e também devido a reformas ortográficas que sucederam na língua portuguesa ao longo dos anos. Além disso, algumas ideias implícitas no conto, como a questão da homossexualidade, foram deixadas de lado pelos tradutores – talvez por questões moralistas que, nota-se, ao longo dos anos foram tendo seu impacto gradualmente minimizado.

Com a proposta de uma nova tradução, buscou-se captar e valorizar os temas que o autor aborda no conto e transmiti-los de forma mais acessível aos leitores atuais. Porém, o tradutor não deixa de ser leitor, que recebe a mensagem do texto a partir de um determinado conhecimento de mundo. Assim, a tradução apresentada nesta pesquisa de uma forma ou de outra representa a visão do tradutor e, portanto, não é a única possibilidade para a tradução do conto de Wilde, mas uma visão entre várias diferentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOUAISS, Antonio et alii. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NORD, Christiane. *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. Tradução por Christiane Nord e Penelope Sparrow, 2ª edição. Amsterdam, Nova York, Rodopi, 2005.

\_\_\_\_\_. *Translating as a Purposeful Activity*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

WILDE, Oscar. *Os Mais Brilhantes Contos de Oscar Wilde*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1965. Tradução de: Otto Schneider.

WILDE, Oscar. *O Príncipe Feliz e Outros Contos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. Tradução de: Paulo Campos Mendes.

WILDE, Oscar. *O Príncipe Feliz e Outros Contos*. São Paulo: Monteiro Lobato & Co. Editores, 1923. Tradução de: Rosalina Coelho Lisboa.



## ANEXOS

### ANEXO 1 – BIBLIOGRAFIA DE OSCAR WILDE<sup>20</sup>

- *Ravenna*, 1878
- *Poems*, 1881
- *The Canterville Ghost*, 1887
- *Happy Prince and Other Tales*, 1888
- *The House of Pomegranates*, 1891
- *Lord Arthur Savile's Crime and Other Stories*, 1891
- *Intentions*, 1891
- *The Picture of Dorian Gray*, 1891
- *Salome: A Tragedy in One Act*, 1892
- *Lady Windermere's Fan*, 1893
- *A Woman of No Importance*, 1893
- *Poems in Prose*, 1893-94
- *The Sphinx*, 1894
- *An Ideal Husband*, 1895
- *The Importance of Being Earnest*, 1895
- *De Profundis*, 1895
- *The Ballad of Reading Gaol*, 1898
- *A Florence Tragedy*, 1908
- *Works*, 1908-10 (4 vols.)
- *Resurgam*, 1917
- *After Reading*, 1921
- *After Bwerneval*, 1922
- *Some Letters from Oscar Wilde to Alfred Douglas*, 1924
- *Oscar Wilde's Letters to Sarah Bernhardt*, 1924
- *Sixteen Letters from Oscar Wilde*, 1930
- *Letters to the Sphinx from Oscar Wilde*, 1930
- *The Complete Works of Oscar Wilde*, 1931
- *The Portable Oscar Wilde*, 1946
- *Complete Works*, 1948
- *Essays*, 1950
- *Selected Essays and Poems*, 1954
- *The Letters of Oscar Wilde*, 1962
- *Literary Criticism*, 1968
- *The Artist as Critic*, 1969
- *More Letters from Oscar Wilde*, 1985
- *The Soul of Man, and Prison Writings*, 1990
- *Works*, 1993 (3 vols.)
- *Complete Letters of Oscar Wilde*, 2000

---

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://www.wilde-online.info/works.htm>>. Acesso em: 15/11/2010.

## ANEXO 2 – BIBLIOGRAFIA SOBRE OSCAR WILDE

De modo geral, Wilde é mais lembrado pela sua biografia do que pelas duas obras. Desde sua morte, inúmeras biografias foram escritas por vários autores. Uma das primeiras biografias de Wilde foi escrita por Frank Harris, que escreveu *Oscar Wilde: His Life and Confessions*. Os amigos próximos de Wilde como Robert Sherard, Robert Ross, Charles Ricketts e Lord Alfred Douglas também publicaram biografias e correspondências. Em 1946, Hesketh Pearson publicou *The Life of Oscar Wilde*, considerado uma das melhores biografias sobre o escritor. Em 1954, Vyvyan Holland publicou sua memória *Son of Oscar Wilde*, que descreve as dificuldades que Constance Lloyd e seus filhos tiveram de passar depois da prisão de Wilde. Há, ainda, a biografia considerada excelente e definitiva *Oscar Wilde*, publicada em 1987 por Richard Ellmann, que ganhou o Prêmio Book Critics Circle Award em 1988 e o Prêmio Pulitzer em 1989.

Segue uma lista de bibliografia sobre Wilde<sup>21</sup>:

**BASHFORD, Bruce.** Oscar Wilde: The Critic as Humanist. Fairleigh Dickinson University Press. 1999. 197pp.

**BECKSON, Karl E (editor).** Oscar Wilde: The Critical Heritage. Routledge. 1970. 434pp.

**BECKSON, Karl E.** The Oscar Wilde Encyclopedia. AMS Press. 1998. 456pp.

**BELFORD, Barbara.** Oscar Wilde: A Certain Genius. Random House. 1999. 400pp.

**BRISTOW, Joseph (editor).** Wilde Writings: Contextual Conditions. University of Toronto Press. 2003. 334pp.

**BROWN, Julia Prewitt.** Cosmopolitan Criticism: Oscar Wilde's Philosophy of Art. University of Virginia Press. 1999. 157pp.

**CHAMBERLIN, Edward.** Ripe was the Drowsy Hour: The Age of Oscar Wilde. New York: Seabury Press. 1977. 222pp.

**DANSON, Lawrence.** Wilde's Intentions: The Artist in His Criticism. Oxford University Press. 1997. 198pp.

**DOUGLAS, Lord Alfred.** Oscar Wilde: A Summing-Up. Richards Press. 1950. 140pp.

---

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://www.nndb.com/people/459/000022393/bibliography/>>. Acesso em: 15/11/2010.

- DOWNEY, Katherine Brown.** Perverse Midrash: Oscar Wilde, André Gide, and Censorship of Biblical Drama. Continuum International Publishing Group. 2004. 180pp.
- DRYDEN, Linda.** The Modern Gothic and Literary Doubles: Stevenson, Wilde and Wells. Macmillan. 2003. 220pp.
- ELLMAN, Richard.** Four Dubliners: Oscar Wilde, William Butler Yeats, James Joyce and Samuel Becket. New York: George Braziller. 1987.
- ELLMAN, Richard.** Oscar Wilde. New York: Alfred A. Knopf. 1988. 680pp.
- ELLMAN, Richard (editor).** Oscar Wilde: A Collection of Critical Essays. Prentice-Hall. 1969. 180pp.
- ERICKSEN, Donald H.** Oscar Wilde. Twayne. 1977. 175pp.
- ERVINE, St. John.** Oscar Wilde: A Present Time Appraisal. London: George Allen & Unwin. 1951. 336pp.
- FIDO, Martin.** Oscar Wilde. Viking Press. 1973. 144pp.
- FOLDY, Michael S.** The Trials of Oscar Wilde: Deviance, Morality, and Late-Victorian Society. Yale University Press. 1997. 206pp.
- FRANKEL, Nicholas.** Oscar Wilde's Decorated Books. University of Michigan Press. 2000. 222pp.
- FRYER, Jonathan.** Andre and Oscar: The Literary Friendship of Andre Gide and Oscar Wilde. New York: St. Martin's Press. 1998.
- FRYER, Jonathan.** Robbie Ross: Oscar Wilde's True Love. London: Constable Robinson. 2000. 278pp.
- GAGNIER, Regenia.** Idylls of the Marketplace: Oscar Wilde and the Victorian Public. Stanford University Press. 1986. 255pp.
- GILLESPIE, Michael Patrick.** Oscar Wilde and the Poetics of Ambiguity. University Press of Florida. 1996. 204pp.
- GUY, Josephine M.; SMALL, Ian.** Studying Oscar Wilde: History, Criticism, and Myth. ELT Press. 2006. 232pp.
- HOLLAND, Merlin; HART-DAVIS, Rupert (editor).** The Complete Letters of Oscar Wilde. Fourth Estate. 2000. 1270pp.
- HORAN, Patrick M.** The Importance of Being Paradoxical: Maternal Presence in the Works of Oscar Wilde. Fairleigh Dickinson University Press. 1997. 144pp.
- HYDE, H. Montgomery.** Oscar Wilde: A Biography. Farrar, Straus, and Giroux. 1975. 410pp.

- HYDE, H. Montgomery.** Oscar Wilde: The Aftermath. New York: Farrar Straus. 1963.
- HYDE, H. Montgomery (editor).** The Trials of Oscar Wilde. William Hodge and Company. 1948. 384pp.
- JULIAN, Philippe.** Oscar Wilde. Viking Press. 1969. 420pp.
- KNOX, Melissa.** Oscar Wilde in the 1990s: The Critic as Creator. Camden House. 2001. 206pp.
- KOHL, Norbert.** Translated by David Henry Wilson. Oscar Wilde: The Works of a Conformist Rebel. Cambridge University Press. 1989. 439pp.
- KRONENBERGER, Louis.** Oscar Wilde. Little, Brown. 1976. 236pp.
- MCCORMACK, Jerusha (editor).** Wilde: The Irishman. Yale University Press. 1998. 205pp.
- MCKENNA, Neil.** The Secret Life of Oscar Wilde: An Intimate Biography. London: Century. 2003. 535pp.
- MIKHAIL, E. H. (editor).** Oscar Wilde: Interviews and Recollections. Barnes & Noble. 1979. (2 vols.) 255pp. + 245pp.
- MILLARD, Christopher Sclater.** Bibliography of Oscar Wilde. T. W. Laurie. 1914. 605pp.
- MILLER, Robert Keith.** Oscar Wilde. Ungar. 1984. 167pp.
- MORLEY, Sheridan.** Oscar Wilde. London: Weidenfeld & Nicolson. 1976. 160pp.
- NUNOKAWA, Jeff.** Tame Passions of Wilde: The Styles of Manageable Desire. Princeton University Press. 2003. 164pp.
- O'SULLIVAN, Vincent.** Aspects of Wilde. Henry Holt. 1936. 213pp.
- PEARCE, Joseph.** The Unmasking of Oscar Wilde. London: HarperCollins. 2000. 301pp.
- PEARSON, Hesketh.** Oscar Wilde: His Life and Wit. New York and London: Harper & Brothers. 1946. 345pp.
- RABY, Peter.** Oscar Wilde. Cambridge University Press. 1988. 164pp.
- RABY, Peter (editor).** The Cambridge Companion to Oscar Wilde. Cambridge University Press. 1997. 307pp.
- RANSOME, Arthur.** Oscar Wilde: A Critical Study. London: Martin Secker. 1912. 212pp.
- SAMMELLS, Neil.** Wilde Style: The Plays and Prose of Oscar Wilde. Longman. 2000. 143pp.

- SAN JUAN, Epifanio.** The Art of Oscar Wilde. Princeton University Press. 1967. 238pp.
- SCHMIDGALL, Gary.** The Stranger Wilde: Interpreting Oscar. E. P. Dutton. 1994.
- SHERARD, Robert Harborough.** The Life of Oscar Wilde. New York: Mitchell Kennerley. 1906. 470pp.
- SINFIELD, Alan.** The Wilde Century: Effeminacy, Oscar Wilde, and the Queer Movement. Columbia University Press. 1994. 216pp.
- SLOAN, John.** Oscar Wilde. Oxford University Press. 2003. 225pp.
- STOKES, John.** Oscar Wilde: Myths, Miracles, and Imitations. Cambridge University Press. 1996. 216pp.
- TAYLOR, Marvin J.; DEVER, Carolyn (editor).** Reading Wilde: Querying Spaces. NYU Press. 1995. 92pp.
- WILLOUGHBY, Guy.** Art and Christhood: The Aesthetics of Oscar Wilde. Fairleigh Dickinson University Press. 1993. 170pp.
- WINWAR, Frances.** Oscar Wilde and the Yellow 'Nineties. New York and London: Harper and Brothers. 1940. 381pp.
- WOOD, Julia.** Resurrection of Oscar Wilde: A Cultural Afterlife. Lutterworth Press. 2007. 168pp.
- WOODCOCK, George.** The Paradox of Oscar Wilde. London: T. V. Boardman & Co. 1949. 239pp.
- WORTH, Katharine.** Oscar Wilde. Grove Press. 1984. 199pp.

### ANEXO 3 – THE HAPPY PRINCE

HIGH above the city, on a tall column, stood the statue of the Happy Prince. He was gilded all over with thin leaves of fine gold, for eyes he had two bright sapphires, and a large red ruby glowed on his sword-hilt.

He was very much admired indeed. ‘He is as beautiful as a weather-cock,’ remarked one of the Town Councillors who wished to gain a reputation for having artistic tastes; ‘only not quite so useful,’ he added, fearing lest people should think him unpractical, which he really was not.

‘Why can’t you be like the Happy Prince?’ asked a sensible mother of her little boy who was crying for the moon. ‘The Happy Prince never dreams of crying for anything.’

‘I am glad there is some one in the world who is quite happy,’ muttered a disappointed man as he gazed at the wonderful statue.

‘He looks just like an angel,’ said the Charity Children as they came out of the cathedral in their bright scarlet cloaks and their clean white pinafores.

‘How do you know?’ said the Mathematical Master, ‘you have never seen one.’

‘Ah! but we have, in our dreams,’ answered the children; and the Mathematical Master frowned and looked very severe, for he did not approve of children dreaming.

One night there flew over the city a little Swallow. His friends had gone away to Egypt six weeks before, but he had stayed behind, for he was in love with the most beautiful Reed. He had met her early in the spring as he was flying down the river after a big yellow moth, and had been so attracted by her slender waist that he had stopped to talk to her.

‘Shall I love you?’ said the Swallow, who liked to come to the point at once, and the Reed made him a low bow. So he flew round and round her, touching the water with his wings, and making silver ripples. This was his courtship, and it lasted all through the summer.

‘It is a ridiculous attachment,’ twittered the other Swallows; ‘she has no money, and far too many relations;’ and indeed the river was quite full of Reeds. Then, when the autumn came they all flew away.

After they had gone he felt lonely, and began to tire of his lady-love. ‘She has no conversation,’ he said, ‘and I am afraid that she is a coquette, for she is always flirting with the wind.’ And certainly, whenever the window blew, the Reed made the most graceful curtsies. ‘I admit that she is domestic,’ he continued, ‘but I love travelling, and my wife, consequently, should love travelling also.’

‘Will you come away with me?’ he said finally to her, but the Reed shook her head, she was so attached to her home.

‘You have been trifling with me,’ he cried, ‘I am off to the Pyramids. Good-bye!’ and he flew away.

All day long he flew, and at night-time he arrived at the city. ‘Where shall I put up?’ he said; ‘I hope the town has made preparations.’

Then he saw the statue on the tall column.

‘I will put up there,’ he cried; ‘it is a fine position, with plenty of fresh air.’ So he alighted just between the feet of the Happy Prince.

‘I have a golden bedroom,’ he said softly to himself as he looked round, and he prepared to go to sleep; but just as he was putting his head under his wing a large drop of water fell on him. ‘What a curious thing!’ he cried; ‘there is not a single cloud in the sky, the stars are quite clear and bright, and yet it is raining. The climate in the north of Europe is really dreadful. The Reed used to like the rain, but that was merely her selfishness.’

Then another drop fell.

‘What is the use of a statue if it cannot keep the rain off?’ he said; ‘I must look for a good chimney-pot,’ and he determined to fly away.

But before he had opened his wings, a third drop fell, and he looked up, and saw – Ah! What did he see?

The eyes of the Happy Prince were filled with tears, and tears were running down his golden cheeks. His face was so beautiful in the moonlight that the little Swallow was filled with pity.

'Who are you?' he said.

'I am the Happy Prince.'

'Why are you weeping then?' asked the Swallow; 'you have quite drenched me.'

'When I was alive and had a human heart,' answered the statue, 'I did not know what tears were, for I lived in the Palace of Sans-Souci, where sorrow is not allowed to enter. In the daytime I played with my companions in the garden, and in the evening I led the dance in the Great Hall. Round the garden ran a very lofty wall, but I never cared to ask what lay beyond it, everything about me was so beautiful. My courtiers called me the Happy Prince, and happy indeed I was, if pleasure be happiness. So I lived, and so I died. And now that I am dead they have set me up here so high that I can see all the ugliness and all the misery of my city, and though my heart is made of lead yet I cannot choose but weep.'

'What! is he not solid gold?' said the Swallow to himself. He was too polite to make any personal remarks out loud.

'Far away,' continued the statue in a low musical voice, 'far away in a little street there is a poor house. One of the windows is open, and through it I can see a woman seated at a table. Her face is thin and worn, and she has coarse, red hands, all pricked by the needle, for she is a seamstress. She is embroidering passion-flowers on a satin gown for the loveliest of the Queen's maids-of-honour to wear at the next Court-ball. In a bed in the corner of the room her little boy is lying ill. He has a fever, and is asking for oranges. His mother has nothing to give him but river water, so he is crying. Swallow, Swallow, little Swallow, will you not bring her the ruby out of my sword-hilt? My feet are fastened to this pedestal and I cannot move.'

'I am waited for in Egypt,' said the Swallow. 'My friends are flying up and down the Nile, and talking to the large lotus-flowers. Soon they will go to sleep in the tomb of the great King. The King is there himself in his painted coffin. He is wrapped in yellow linen, and embalmed with spices. Round his neck is a chain of pale green jade, and his hands are like withered leaves.'

'Swallow, Swallow, little Swallow,' said the Prince, 'will you not stay with me for one night, and be my messenger? The boy is so thirsty, and the mother so sad.'

'I don't think I like boys,' answered the Swallow. 'Last summer, when I was staying on the river, there were two rude boys, the miller's sons, who were always throwing stones at me. They never hit me, of course; we swallows fly far too well for that, and besides I come of a family famous for its agility; but still, it was a mark of disrespect.'

But the Happy Prince looked so sad that the little Swallow was sorry. 'It is very cold here,' he said; 'but I will stay with you for one night, and be your messenger.'

'Thank you, little Swallow,' said the Prince.

So the Swallow picked out the great ruby from the Prince's sword, and flew away with it in his beak over the roofs of the town.

He passed by the cathedral tower, where the white marble angels were sculptured. He passed by the palace and heard the sound of dancing. A beautiful girl came out on the balcony with her lover. 'How wonderful the stars are,' he said to her, 'and how wonderful is the power of love!'

'I hope my dress will be ready in time for the State-ball,' she answered; 'I have ordered passion-flowers to be embroidered on it: but the seamstresses are so lazy.'

He passed over the river, and saw the lanterns hanging on the masts of the ships. He passed over the Ghetto, and saw the old Jews bargaining with each other, and weighing out money in copper scales. At last he came to the poor house and looked in. The boy was tossing feverishly on his bed, and the mother had fallen asleep, she was so tired. In he hopped, and laid the great ruby on the table beside the woman's thimble. Then he flew gently round the bed, fanning the boy's forehead with his wings. 'How cool I feel,' said the boy, 'I must be getting better;' and he sank into a delicious slumber.

Then the Swallow flew back to the Happy Prince, and told him what he had done. 'It is curious,' he remarked, 'but I feel quite warm now, although it is so cold.'

'That is because you have done a good action,' said the Prince. And the little Swallow began to think, and then he fell asleep. Thinking always made him sleepy.

When day broke he flew down to the river and had a bath. 'What a remarkable phenomenon!,' said the Professor of Ornithology as he was passing over the bridge. 'A swallow in winter!' And he wrote a long letter about it to the local newspaper. Every one quoted it, it was full of so many words that they could not understand. 'To-night I go to Egypt,' said the Swallow, and he was in high spirits at the prospect. He visited all the public monuments, and sat a long time on top of the church steeple. Whenever he went the Sparrows chirruped, and said to each other, 'What a distinguished stranger!' so he enjoyed himself very much.

When the moon rose he flew back to the Happy Prince. 'Have you any commissions for Egypt?' he cried; 'I am just starting.'

'Swallow, Swallow, little Swallow,' said the Prince, 'will you not stay with me one night longer?'

'I am waited for in Egypt,' answered the Swallow. 'To-morrow my friends will fly up to the Second Cataract. The river-horse couches there among the bulrushes, and on a great granite throne sits the God Memnon. All night long he watches the stars, and when the morning star shines he utters one cry of joy, and then he is silent. At noon the yellow lions come down to the water's edge to drink. They have eyes like green beryls, and their roar is louder than the roar of the cataract.'

'Swallow, Swallow, little Swallow,' said the Prince, 'far away across the city I see a young man in a garret. He is leaning over a desk covered with papers, and in a tumbler by his side there is a bunch of withered violets. His hair is brown and crisp, and his lips are red as a pomegranate, and he has large and dreamy eyes. He is trying to finish a play for the Director of the Theatre, but he is too cold to write any more. There is no fire in the grate, and hunger has made him faint.'

'I will wait with you one night longer,' said the Swallow, who really had a god heart. 'Shall I take him another ruby?'

'Alas! I have no ruby now,' said the Prince: 'my eyes are all that I have left. They are made of rare sapphires, which were brought out of India a thousand years ago. Pluck out one of them and take it to him. He will sell it to the jeweller, and buy food and firewood, and finish his play.'

'Dear Prince,' said the Swallow, 'I cannot do that;' and he began to weep.

'Swallow, Swallow, little Swallow,' said the Prince, 'do as I command you.'

So the Swallow plucked out the Prince's eye, and flew away to the student's garret. It was easy enough to get in, as there was a hole in the roof. Through this he darted, and came into the room. The young man had his head buried in his hands, so he did not hear the flutter of the bird's wings, and when he looked up he found the beautiful sapphire lying on the withered violets.

'I am beginning to be appreciated,' he cried; 'this is from some great admirer. Now I can finish my play,' and he looked quite happy.

The next day the Swallow flew down to the harbour. He sat on the mast of a large vessel and watched the sailors hauling big chests of the hold with ropes. 'Heave a-hoy!' they shouted as each chest came up. 'I am going to Egypt!' cried the Swallow, but nobody minded, and when the moon rose he flew back to the Happy Prince.

'I am come to bid you good-bye,' he cried.

'Swallow, Swallow, little Swallow,' said the Prince, 'will you not stay with me one night longer?'

'It is winter,' answered the Swallow, 'and the chill snow will soon be here. In Egypt the sun is warm on the green palm-trees, and the crocodiles lie in the mud and look lazily about them. My companions are building a nest in the Temple of Baalbec, and the pink and white doves are watching them, and cooing to each other. Dear Prince, I must leave you, but I will



never forget you, and next spring I will bring you back two beautiful jewels in place of those you have given away. The ruby shall be redder than a red rose, and the sapphire shall be as blue as the great sea.'

'In the square below,' said the Happy Prince, 'there stands a little match-girl. She has let her matches fall in the gutter, and they are all spoiled. Her father will beat her if she does not bring home some money, and she is crying. She has no shoes or stockings, and her little head is bare. Pluck out my other eye, and give it to her, and her father will not beat her.'

'I will stay with you one night longer,' said the Swallow, 'but I cannot pluck out your eye. You would be quite blind then.'

'Swallow, Swallow, little Swallow,' said the Prince, 'do as I command you.'

So he plucked out the Prince's other eye, and darted down with it. He swooped past the match-girl, and slipped the jewel into the palm of her hand. 'What a lovely bit of glass!' cried the little girl; and she ran home, laughing.

Then the Swallow came back to the Prince. 'You are blind now,' he said, 'so I will stay with you always'.

'No, little Swallow,' said the poor Prince, 'you must go away to Egypt.'

'I will stay with you always,' said the Swallow, and he slept at the Prince's feet.

All the next day he sat on the Prince's shoulder, and told him stories of what he had seen in strange lands. He told him of the red ibises, who stand in long rows on the banks of the Nile, and catch gold fish in their beaks; of the Sphinx, who is as old as the world itself, and lives in the desert, and knows everything; of the merchants, who walk slowly by the side of their camels and carry amber beads in their hands; of the King of the Mountains of the Moon, who is as black as ebony, and worships a large crystal; of the great green snake that sleeps in a palm-tree, and has twenty priests to feed it with honey-cakes; and of the pygmies who sail over a big lake on large flat leaves, and are always at war with the butterflies.

'Dear little Swallow,' said the Prince, 'you tell me of marvellous things, but more marvellous than anything is the suffering of men and women. There is no Mystery so great as Misery. Fly over my city, little Swallow, and tell me what you see there.'

So the Swallow flew over the great city, and saw the rich making merry in their beautiful houses, while the beggars were sitting at the gates. He flew into dark lanes, and saw the white faces of starving children looking out listlessly at the black streets. Under the archway of a bridge two little boys were lying in one another's arms to try and keep themselves warm. 'How hungry we are!' they said. 'You must not lie here,' shouted the watchman, and they wandered out into the rain.

Then he flew back and told the Prince what he had seen.

'I am covered with fine gold,' said the Prince, 'you must take it off, leaf by leaf, and give it to my poor; the living always think that gold can make them happy.'

Leaf after leaf of the fine gold the Swallow picked off, till the Happy Prince looked quite dull and grey. Leaf after leaf of the fine gold he brought to the poor, and the children's faces grew rosier, and they laughed and played games in the street. 'We have bread now!' they cried.

Then the snow came, and after the snow came the frost. The streets looked as if they were made of silver, they were so bright and glistening; long icicles like crystal daggers hung down from the eaves of the houses, everybody went about in furs, and the little boys wore scarlet caps and skated on the ice.

The poor little Swallow grew colder and colder, but he would not leave the Prince, he loved him too well. He picked up crumbs outside the baker's door where the baker was not looking, and tried to keep himself warm by flapping his wings.

But at last he knew that he was going to die. He had just enough strength to fly up to the Prince's shoulder once more. 'Good-bye, dear Prince!' he murmured, 'will you let me kiss your hand?'

'I am glad that you are going to Egypt at last, little Swallow,' said the Prince, 'you have stayed too long here; but you must kiss me on the lips, for I love you.'

'It is not to Egypt that I am going,' said the Swallow. 'I am going to the House of Death. Death is the brother of Sleep, is he not?'

And he kissed the Happy Prince on the lips, and fell down dead at his feet.

At that moment a curious crack sounded inside the statue, as if something had broken. The fact is that the leaden heart had snapped right in two. It certainly was a dreadfully hard frost.

Early the next morning the Mayor was walking in the square below in company with the Town Councillors. As they passed the column he looked up at the statue: 'Dear me! how shabby the Happy Prince looks!' he said.

'How shabby, indeed!' cried the Town Councillors, who always agreed with the Mayor, and they went up to look at it.

'The ruby has fallen out of his sword, his eyes are gone, and he is golden no longer,' said the Mayor; 'in fact, he is little better than a beggar!'

'Little better than a beggar,' said the Town Councillors.

'And here is actually a dead bird at his feet!' continued the Mayor: 'We must really issue a proclamation that birds are not to be allowed to die here.' And the Town Clerk made a note of the suggestion.

So they pulled down the Statue of the Happy Prince. 'As he is no longer beautiful he is no longer useful,' said the Art Professor at the University.

Then they melted the statue in a furnace, and the Mayor held a meeting of the Corporation to decide what was to be done with the metal. 'We must have another statue, of course,' he said, 'and it shall be a statue of myself.'

'Of myself,' said each of the Town Councillors, and they quarrelled. When I last heard of them they were quarelling still.

'What a strange thing!' said the overseer of the workman at the foundry. 'This broken lead heart will not melt in the furnace. We must throw it away.' So they threw it on a dust-heap where the dead Swallow was also lying.

'Bring me the two most precious things in the city,' said God to one of His Angels; and the Angel brought Him the leaden heart and the dead bird.

'You have rightly chosen,' said God, 'for in my garden of Paradise this little bird shall sing for evermore, and in my city of gold the Happy Prince shall praise me.'

## ANEXO 4 – TRADUÇÃO DE ROSALINA COELHO LISBOA (1923)

### O PRINCIPE FELIZ

DOMINANDO a cidade, numa alta columna, erguia-se a estatua do Principe Feliz. Vestiam-no folhas finas de ouro fino; seus olhos eram duas saphiras brilhantes e um grande rubi sanguineo lhe fulgia no punho da espada.

Admiravam-no muito.

– E' lindo como um catavento, observou de uma feita um dos Vereadores da Cidade, ansioso de fama quanto a gosto artistico. Apenas não é tão util, accrescentou, temendo que o julgassem pouco pratico – o que realmente não era...

– Porque não fazes como o Principe Feliz? perguntou certa mãe sensata ao filhinho que chorava de manhoso. O Principe Feliz não sonha, nem chora por cousa alguma.

– Inda bem que existe alguém feliz, resingou um homem desilludido mirando a estatua maravilhosa.

– Parece um anjo, disseram os asylados ao sahirem da Cathedral, com seus mantos vermelhos e aventaes alvos.

– Como sabem? perguntou o professor de Mathematica. Vocês nunca viram um anjo...

– Vimos, sim, em sonho, responderam as crianças e o professor de Mathematica franziu a testa porque não admittia que os meninos sonhassem.

Certa noite, uma Andorinha voou sobre a cidade. Suas amigas haviam partido para o Egypto seis semanas antes; ella, porém, ficára, porque estava apaixonada pelo mais bello dos canniços. Vira-o no inicio da Primavera, quando voara rio abaixo, perseguindo uma grande mariposa amarella, e tanto a fascinara seu corpo esbelto que sustou o vôo para conversar com elle.

– Posso amal-o? indagou a Andorinha, que não gostava de rodeios, e o Canniço inclinou-se numa profunda mesura. A Andorinha, então, principiou a volitar-lhe em torno, tocando a agua com as asas e acordando nella arrepios de prata. E essa maneira de fazer a côrte durou todo o verão.

– E' um apego ridiculo! trinçaram as outras andorinhas. Falta-lhe dinheiro e sobram-lhe parentes...

Na verdade, o rio estava atulhado de canniços.

Em chegando o outomno partiram todas.

Depois que se foram, a Andorinha sentiu-se só e começou a cançar-se do namorado.

– Não sabe conversar e desconfio que seja bandoleiro, pois está sempre a namorar a brisa...

Realmente, sempre que a brisa soprava o Canniço lhe fazia as mais graciosas cortezias.

– Convenho que seja caseiro, mas eu adoro viajar e meu marido tambem deve gostar de viajens.

– Queres partir commigo? perguntou-lhe, finalmente. Mas o canniço sacudiu a cabeça: era por demais apegado ao lar.

– Divertias-te a minha custa!... exclamou a Andorinha. Vou-me embora para as pyramides. Adeus!

E levantou o vôo.

Voou durante o dia inteiro e ao cair da tarde chegou á cidade.

– Onde acharei pousada? pensou. E' de esperar que a cidade se tenha preparado convenientemente.

Foi então que viu a estatua na alta columna.

– Dormirei lá em cima, resolveu. Optima posição e arejada.

E pousou exactamente entre os pés do Principe Feliz.

– Tenho um aposento de ouro, disse baixinho, olhando em torno, enquanto se preparava para dormir; mas ao esconder a cabeça debaixo da asa uma grande gota d'agua lhe caiu em cima.

– Que coisa curiosa! exclamou. Não ha nuvens, as estrellas estão perfeitamente claras e no entanto está chovendo... O clima do norte da Europa é horrivel! O Canniço, esse, gostava de chuva, mas só por egoismo.

Nesse momento cahiu outra gota.

– De que serve uma estatua, si não nos pode abrigar da chuva? pensou. Vou procurar um bom guarda-chaminé, e resolveu voar dalli.

Mas, antes de abrir as asas, sentiu a queda de uma terceira gota. Olhou para cima e viu... Viu que os olhos do Principe Feliz estavam cheios de lagrimas e lagrimas lhe rolavam pelas faces de ouro. Tão lindo era seu rosto ao luar, que penalizou a Andorinha.

– Quem és?

– Sou o Principe Feliz.

– Porque choras, então?

– Quando vivo, possuia um coração humano, respondeu a estatua; não sabia o que era pranto porque vivia no palacio de Sans-Souci onde não se permite á dor entrar. Durante o dia folgava no jardim com meus companheiros e, á noite, dirigia as danças no Salão Nobre. Cercava o jardim um muro muito alto e nunca me interessou indagar o que havia alem – tudo ao derredor era tão lindo!... Chamavam-me, os cortesãos, o Principe Feliz e na verdade era feliz, si prazer constitue ventura. Assim vivi, assim morri. Uma vez morto, porém, collocaram-me tão alto, que posso ver toda a hediondez, toda a miseria de minha cidade e embora seja meu coração de chumbo, não posso refrear o pranto.

– Quê! Então não é elle de ouro massiço?! reflectiu a Andorinha (ella era muito polida, incapaz de comentarios desses em voz alta).

– Longe daqui, continuou a estatua, numa voz musical; longe daqui, numa ruella, ha uma casa pobre. Vejo pela janella aberta uma mulher sentada á mesa. Tem o rosto magro, cansado, e rudes mãos vermelhas, picadas de agulha. E' costureira. Está bordando Passifloras num vestido de setim, para uso da mais formosa dama-de-honor da Rainha no proximo baile da Côrte. Numa cama, ao canto do quarto, está seu filhinho doente. Tem febre e pede laranjas. Ella não tem para lhe dar senão agua do rio e por isso o menino chora. Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha, porque não lhe levas o rubi do punho da minha espada? Meus pés estão presos a este pedestal e não posso mover-me.

– Esperam por mim no Egypto, tornou a Andorinha. Minhas companheiras, revoltando sobre o Nilo, conversam com as flores de lotus. Breve irão dormir no tumulto do grande Rei. O Rei lá está em pessoa no seu caixão pintado. Veste-o o linho amarello e embalsamam-no os incensos. Tem, ao redor do pescoço, uma corrente de jade verde-claro, e suas mãos lembram folhas seccas.

– Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha, porque não ficas commigo por uma noite? Sê meu mensageiro. O menino está com tanta sede e a mãe tão triste...

– Não gosto de meninos... retrucou a Andorinha. No Verão passado, quando eu morava junto ao rio, havia dous desses meninos brutaes, filhos de molleiro, que se não cansavam de atirar-me pedras. Nunca me attingiram, está claro; nós, andorinhas, voamos bem demais; isso é coisa que não nos acontece, alem de que eu descendo de uma familia calebre pela agilidade. Mas, de qualquer modo, era desrespeitoso...

O Principe Feliz parecia tão triste que a Andorinha teve pena.

– Faz muito frio aqui, mas eu ficarei comtigo por uma noite e serei teu mensageiro.

– Obrigado, pequena Andorinha, murmurou o Principe.

Então a Andorinha arrancou o rubi da espada e com elle no bico voou sobre o telhado da cidade.

Passou pela torre da Cathedral, onde os anjos de marmore estavam esculpidos. Passou pelo palacio e viu que dançavam. Linda moça veio ao balcão em companhia do namorado.

– Que maravilhosas as estrellas, entrefalou elle, e que maravilhoso o poder do Amor!

– Espero que meu vestido fique prompto para o baile da côrte, respondeu a moça. Mandei que bordassem todo de Passifloras; mas as costureiras são tão indolentes...

Passou por sobre o rio e viu as lanternas penduradas aos mastros dos navios. Passou o Ghetto e viu os velhos judeus a regatear entre si e a pesar dinheiro em balanças de cobre. Chegou, porfim, ao casebre e olhou. O menino se debatia febrilmente na cama e a pobre mãe adormecera de cansaço. Saltou para dentro e collocou o rubi sobre a mesa, junto ao dedal da mulher. Depois, docemente, circumvolitou sobre o leito, afflou com as asas a testa da criança.

– Que frescura sinto! murmurou o menino. Devo estar melhorando... E uma deliciosa somnolencia o prostrou.

Então a Andorinha voltou para o Principe Feliz e referiu-lhe o que fizera.

– E é curioso, notou, apesar de todo o frio sinto-me bem, sinto-me aquecida...

– E' que fizeste uma bôa acção, explicou o Principe.

A pequena Andorinha começou a pensar e adormeceu logo. – Pensar dava-lhe sempre somno.

Ao amanhecer, foi banhar-se no rio.

– Que phenomeno notavel! exclamou o Professor de Ornithologia ao atravessar a ponte. Uma andorinha no inverno!

E escreveu ao jornal da localidade uma carta muito longa a respeito, carta que todos citaram, pois estava atulhada de palavras que ninguem comprehendia...

– A' noite parto para o Egypto, planejou a Andorinha, radiante com o projecto.

Visitou os monumentos publicos e esteve pousada por longo tempo no campanario da igreja. Por onde quer que passasse, os pardaes chilreavam, dizendo uns aos outros:

– Que estrangeira distincta! e ella se divertiu muitissimo.

Quando a lua subiu, voou para perto do Principe Feliz.

– Queres alguma cousa para o Egypto? indagou. Vou partir já.

– Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha, porque não ficas commigo uma noite a mais?

– Esperam por mim no Egypto. Amanhã minhas irmãs voarão até á segunda catarata. Lá os hippopotamos se emboscam entre os juncos e num grande throno de granito está o Deus Mennon, que durante a noite olha as estrellas e, quando refulge a estrella da manhã, dá um grito de prazer e silencia outra vez. Ao meio dia os leões amarellos vem até á beira d'água, beber. Seus olhos lembram berillos verdes e seu rugido é mais potente que o rugido da catarata.

– Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha, falou o Principe, longe daqui, do outro lado da cidade, vejo um moço numa agua-furtada. Está cuvado sobre a escrivania amontoada de papeis; ao lado, num pichel, ha um ramo de violetas murchas. Tem o cabello castanho e crespo, labios vermelhos qual romã e grandes olhos sonhadores. Tenta acabar uma peça para o Director do Theatro, mas não pode escrever com tanto frio. Não ha fogo na lareira e a fome o atordôa.

– Ficarei comtigo mais uma noite, respondeu a Andorinha, que era realmente de bom coração. Queres que lhe leve outro rubi?

– Infelizmente já não tenho mais rubis, disse o Principe; restam-me os olhos, apenas. São duas saphiras raras, trazidas da India ha mil annos. Arranca-me uma e leva. Irá vendel-a ao joalheiro, comprará lenha e pão e terminará sua peça.

– Querido Principe, protestou a Andorinha, não posso fazer isso! e começou a chorar.

– Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha, faze o que te ordeno.

Então a Andorinha arrancou um dos olhos do Principe e levantou vôo de rumo ao sotão do Estudante. Foi-lhe facil entrar, porque havia um rombo no telhado. Por elle esgueirou-se no quarto. O moço tinha a cabeça escondida nas mãos; porisso não percebeu o escoçar da ave. Ao erguer a fronte viu a saphira linda sobre as violetas murchas.

– Começo a ser apreciado, exclamou; isto deve provir de algum admirador. Posso agora acabar a minha peça, e parecia feliz.

No outro dia a Andorinha voou até o porto. Pousou no mastro de enorme navio e ficou-se a olhar para os marinheiros que tiravam do porão grandes caixões com a ajuda de cordas. <<Alá!>> gritavam elles, ao içar cada lingada.

– Eu vou para o Egypto! bradou a Andorinha, mas ninguem a attendeu, e quando a lua resurgiu voltou ella ao Principe Feliz.

– Vim dizer-te adeus.

– Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha, fica uma noite ainda.

– Estamos no inverno, respondeu a Andorinha, a friura da neve não tarda. No Egypto o sol requeima as palmeiras verdes e os crocodilos, deitados na lama, olham preguiçosamente em derredor. Minhas companheiras estão nidificando no Templo de Baalbec, enquanto as pombas alvi-roseas as observam arrulhantes. Querido Principe, tenho que deixar-te, mas nunca te esquecerei e na Primavera te trarei duas joias magnificas para substituirem as que deste. O rubi será mais rubro que uma rosa rubra e a saphira terá o azul do largo oceano.

– Lá embaixo, na praça, contou-lhe o Principe, está uma pequena vendedora de phosphoros; deixou-os cair na sargeta e estragaram-se todos. Si voltar para casa sem dinheiro, o pae lhe baterá – e ella chora. Tem os pés desnudos e a cabeça descoberta. Si me arrancares a outra saphira e lh'a levas, o pae não lhe baterá...

– Ficarei contigo mais uma noite, tornou a Andorinha; mas não te posso arrancar a ultima saphira. Ficarias completamente cego.

– Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha, faze o que te ordeno.

A Andorinha arrancou a saphira, baixou com ella e, rapida, passando junto á vendedora de phosphoros, depoz-lhe a joia na mão aberta.

– Que lindo pedaço de vidro! exclamou a menina, e correu para casa, rindo.

Mas, de retorno ao Principe, o passaro disse:

– Agora que estaes cego, nunca mais te deixarei.

– Não, pequena Andorinha, voltou a estatua; debes ir para o Egypto.

– Nunca mais te deixarei, repetiu a Andorinha, e adormeceu-lhe aos pés.

Passou o dia seguinte pousada no hombro do Principe, contando-lhe historias e o que vira em terras estranhas. Disse-lhe dos ibis escarlates, que se quedam em longas filas ás margens do Nilo, pescando dourados com os bicos; disse da Esphinge que vive no deserto, tem a idade do mundo e sabe todas as cousas; disse dos mercadores que acompanham vagarosamente seus camellos e levam nas mãos contas de ambar; disse do Rei das Montanhas-da-Lua, que é negro como ébano e adora um grande crystal; disse da enorme serpente verde, que dorme numa palmeira e tem vinte sacerdotes para alimentar-a de bolos de mel; e disse dos pigmeus que navegam num grande lago, sobre largas folhas chatas, sempre em guerra com as borboletas.

– Querida Andorinha, disse o Principe, contas-me cousas prodigiosas, mas o que ha de mais prodigioso é o soffrimento humano. Não ha mysterio tão profundo quanto a Miseria. Vôa sobre minha cidade, pequena Andorinha, e conta-me depois tudo o que vires.

E o passaro voou sobre a vasta cidade, e viu os ricos que se divertiam em suas casas sumptuosas, enquanto os mendigos esperavam ás portas. Entrou em beccos escuros e viu rostos lividos de crianças famintas, mirando, num desalento, as ruas sombrias. Sob a arcada de uma ponte, dous meninos que se aconchegavam, tiritantes de frio, <<Que fome!>> diziam. <<Vocês não podem ficar aqui!>> bradou o guarda, e elles se foram, a esmo, sob a chuva.

De volta o passaro contou ao Principe o que vira.

– Estou coberto de ouro fino, disse o Principe; arranca-m'ó, folha por folha, para o dar a meus pobres; os vivos julgam sempre que o ouro traz felicidade...

A Andorinha arrancou folha por folha o ouro fino e o Principe foi ficando desbotado e cinzento. Levou-o aos pobres, folha após folha, o ouro fino, e as faces das criancinhas tornavam-se rosadas e ellas riam, a folgar pelas ruas. <<Agora temos pão!>> exclamavam.

Depois veio a neve; após a neve, a geada. As ruas pareciam feitas de prata, de tão luzidias. Carambinas, esguias adagas de crystal, pendiam dos beiraes dos telhados. Todos andavam agasalhados em pelles e os meninos, com barretes vermelhos, patinavam no gelo.

A pequena Andorinha, coitada, cada vez sentia mais frio. Não queria abandonar o Principe, que muito amava. Alimentava-se de migalhas á porta do padeiro, quando o via desattento e batia as asas para aquecer-se. Por fim, presentiu que ia morrer. Mal teve força para voar, uma vez mais, até ao hombro do Principe.

– Adeu, squerido [sic] Principe, sussurrou. Posso beijar tua mão?

– Inda bem que vaes para o Egypto, afinal! aprovou o Principe. Já te demoraste demais aqui; beija-me, porém, nos labios, porque eu te amo.

– Não é para o Egypto que me vou, respondeu a Andorinha. Vou á Casa da Morte. A Morte é a irmã do Somno, pois não é?

E beijando os labios do Principe Feliz, caiu-lhe morta aos pés.

Nesse momento ouviu-se um estalido estranho, como si qualquer coisa se quebrasse dentro da estatua. E' que seu coração de chumbo se partira em dous. Era realmente horrivel aquella geada!...

Na manhã seguinte o Intendente da Cidade atravessou a praça em companhia dos Vereadores, e ao passarem pela columna olhou para a estatua.

– Santo Deus! Que aspecto miseravel o do Principe Feliz! exclamou.

– Que aspecto miseravel, com effeito! repetiram os Vereadores – elles sempre concordavam com o Intendente – e aproximaram-se todos para ver melhor.

– O rubi lhe caiu da espada, seus olhos se foram e já não é mais dourado – continuou o Intendente. Está pouco mais que um mendigo.

– Pouco mais que um mendigo! acquiesceram os Vereadores.

– E eis, de mais a mais, um passaro morto a seus pés! accrescentou o Intendente E' preciso que se baixe uma postura. [sic] proibindo aos passaros morrerem aqui.

O Escrivão da Cidade tomou nota da lembrança.

A estatua do Principe Feliz foi apeada do pedestal.

– Perdeu a belleza, perdeu a utilidade, sentenciou o Professor de Arte na Universidade.

Fundiram a estatua numa fornalha e o Intendente convocou uma assembléa a corporação, para decidir sobre o que fazer-se do metal.

– Precisamos de outra estatua, naturalmente, disse elle; e desta vez será a minha.

– Minha! objectaram um por um todos os Vereadores, e brigaram.

Na ultima vez que ouvi falar nelles ainda estavam brigando...

– Que cousa exquisita! notou o chefe dos trabalhadores da fundição. Este coração de chumbo não funde na fornalha. Vamos jogá-lo fóra.

E atiraram-no ao cisqueiro onde jazia a Andorinha morta.

– Traze-me as duas cousas mais preciosas da Cidade, ordenou Deus a um de seus Anjos, e o Anjo lhe levou o coração de chumbo e o passaro morto.

– Escolheste muito bem, aprovou Deus; pois no meu jardim do Paraizo este passarinho ha de cantar eternamente, e na minha Cidade de Ouro o Principe Feliz me louvará por toda a eternidade.

## ANEXO 5 – TRADUÇÃO DE OTTO SCHNEIDER (1965)

### O PRÍNCIPE FELIZ

Muito acima da cidade, sôbre uma alta coluna, erguia-se a estátua do Príncipe Feliz. Era tôda revestida de finas fôlhas de ouro e tinha por olhos duas brilhantes safiras e no punho da sua espada cintilava um enorme rubi. A estátua era de todos muito admirada, e com razão.

– É bela como um catavento – observou um dos conselheiros da cidade, que pretendia passar por homem de bom gôsto artístico; – só não é tão útil – acrescentou logo, com receio de que o tomassem por homem pouco prático, o que de fato não era.

– Por que não és como o Príncipe Feliz? – perguntou um dia uma mãe sensível ao filho que lhe pedia a lua, chorando. – O Príncipe Feliz nunca se lembra de chorar por coisa nenhuma.

– Ainda bem que há no mundo quem seja inteiramente feliz – murmurou um desiludido, ao contemplar a admirável estátua.

– Parece realmente um anjo – diziam os meninos do orfanato, ao saírem da catedral com as capas de vivo escarlate e os bibes muito brancos.

– Como sabeis? – observou o professor de matemática. – Nunca vistes nenhum.

– Ah! temo-los visto em sonhos – responderam as crianças; e o professor franziu o sobrolho e tomou um ar severo, porque não aprovava que as crianças sonhassem.

Uma noite, voou por cima da cidade uma andorinha. As suas amigas tinham partido para o Egito havia seis semanas; ela, porém, se atrasara, enamorada como estava de um junco muito gracioso. Conhecera-o nos princípios da primavera, no momento em que descia o rio perseguindo uma grande borboleta amarela, e por tal forma a atraíra a cintura esbelta do junco, que se detivera para falar com êle.

– Queres que te ame? – perguntara a andorinha, que não gostava de perder tempo com rodeios.

E o junco fizera-lhe uma profunda vênua. Voara, então, repetidas vêzes à roda dêle, roçando a água com as pontas das asas e produzindo mil ondulações de prata. Era êste o seu modo de lhe fazer a côrte e prolongou-a por todo o verão.

– Que afeição mais ridícula! – chilreavam as outras andorinhas. – Êle não tem dinheiro e tem muitos parentes.

E, na realidade, o rio estava cheio de juncos.

Quando o outono chegou, tôdas as andorinhas se foram embora. Depois que partiram, começou ela a sentir-se muito só e a enfasiar-se do seu amado.

– O junco não diz uma palavra – observou ela – e receio que seja um pouco leviano, porque está sempre a flertar com a brisa.

E, de fato, sempre que a brisa soprava, o junco fazia-lhe as mais graciosas cortesias.

– Além do mais, êle é muito caseiro – continuou – enquanto eu adoro as viagens, e o meu espôso deve, por conseqüência, gostar de viajar também.

– Queres vir comigo? – perguntou-lhe, por fim.

Mas o junco abanou a cabeça; era por demais apegado ao seu lar para poder segui-la.

– Tens andado a brincar comigo – disse ela. – Vou partir para as Pirâmides. Adeus!

E começou a voar. Voou o dia inteiro e à noite chegou à cidade.

– Onde vou instalar-me? – disse. – A cidade deve estar preparada para me receber.

E viu então a estátua do Príncipe Feliz sôbre a alta coluna.

– Vou-me instalar ali – murmurou. – Esplêndido lugar e muito ar fresco.

E foi pousar entre os pés do Príncipe Feliz.

– Tenho um quarto de dormir dourado – disse baixinho de si para consigo, enquanto olhava em redor e se preparava para dormir. Mas no momento preciso em que ia meter a cabecinha debaixo da asa, caiu-lhe em cima uma grande gôta de água.



– É extraordinário! – exclamou. – Não há uma só nuvem no céu, as estrêlas cintilam e, não obstante, está chovendo! O clima do norte da Europa é realmente horrível. O junco gostava de chuva, mas era apenas por egoísmo.

Então, caiu uma nova gôta.

– Para que serve uma estátua – disse – se não é capaz de proteger-me da chuva? Tenho de procurar uma boa chaminé.

E já ia levantar o vôo. Mas, antes de abrir as asas, uma terceira gôta caiu. Levantou os olhos e viu... Ah! que viu ela? Os olhos do Príncipe Feliz estavam rasos de lágrimas, e lágrimas lhe banhavam as faces de ouro. Tão belo era o seu rosto, batido pelo luar, que a andorinha se sentiu cheia de compaixão.

– Quem és tu? – perguntou-lhe.

– Sou o Príncipe Feliz.

– Por que choras, então? – perguntou a andorinha. – Encharcaste-me por completo.

– Quando eu era vivo e tinha um coração humano – respondeu a estátua – não sabia o que eram lágrimas, pois vivia no palácio de “Sans-Souci”, onde é vedado o ingresso à dor. De dia brincava com os meus companheiros no jardim, e à noite dirigia a dança no grande salão do baile. Em roda do jardim corria um muro muito alto, mas nunca me lembrei de perguntar o que se passava além dêle. Tudo à volta de mim era belo. Os meus cortesãos chamavam-me o Príncipe Feliz, e eu era feliz, de fato, se o prazer é felicidade. Assim vivi e assim morri. E agora, depois de morto, colocaram-me nesta coluna, tão alto que posso ver tôda a fealdade e miséria da minha cidade; e, embora o meu coração seja de bronze, não posso deixar de chorar.

– O quê! Êle não é de ouro maciço? – disse consigo mesma a andorinha, que era suficientemente educada para não fazer observações pessoais em voz alta.

– Lá longe – continuou a estátua numa voz baixa e musical – numa pequena rua, há uma casa pobre. Uma janela está aberta e por ela vejo uma mulher sentada à mesa; tem a face magra e cansada, e as mãos vermelhas feridas da agulha, pois é costureira. Está bordando flôres de martírio num vestido de cetim que a mais bela dama de honor da rainha há de vestir no próximo baile da Côrte. Num leito, a um canto do quarto, está o seu filho doente; tem febre e pede laranjas. Mas ela nada tem para lhe dar além de água do rio, e por isso êle chora. Andorinha, andorinha, querida andorinha, queres levar-lhe o rubi do punho da minha espada? Os meus pés estão soldados a êste pedestal e não posso mover-me.

– Esperam-me no Egito – respondeu a andorinha. – As minhas amigas andam a voar pelo Nilo e a conversar com as grandes flôres de loto; em breve irão acolher-se no túmulo do grande rei. O próprio rei está lá ainda no seu caixão colorido, envolto em linho amarelo e embalsamado em especiarias. Ao pescoço tem um colar de jade verde pálido e suas mãos são como fôlhas sêcas.

– Andorinha, andorinha, querida andorinha – disse o Príncipe. – Não queres permanecer comigo uma só noite e ser a minha mensageira? O pequenino arde em sede, e a mãe está tão triste!

– Eu não simpatizo com os rapazes – replicou a andorinha. – No verão passado, quando eu voava pelo rio, havia dois rapazes malcriados, os filhos do moleiro, que estavam sempre a atirar-me pedras. É claro que nunca me acertaram porque nós, as andorinhas, voamos muito bem; demais, eu descendo duma família famosa pela sua agilidade; contudo, era uma falta de respeito.

Mas o Príncipe ficou tão triste, que a andorinha teve pena.

– Aqui está muito frio – disse ela. – No entanto, permanecerei contigo uma noite, e serei a tua mensageira.

– Muito obrigado, querida andorinha – disse o Príncipe.

A andorinha arrancou então da espada do príncipe o grande rubi, levando-o no bico por cima dos telhados da cidade. Passou junto da tôrre da catedral, onde estavam esculpidos anjos de mármore branco. Passou pelo Palácio e ouviu os sons de uma dança. Uma linda jovem saiu para a sacada com o namorado.

– Como são belas as estrêlas – disse-lhe êle – e quão forte é o poder do amor!

– Espero que o meu vestido esteja pronto para o baile de gala – respondeu ela. – Mandeí bordá-lo de martírios; mas a costureira é tão preguiçosa!

Atravessou o rio, e viu as lanternas que pendiam dos mastros dos navios. Passou sôbre o Gueto e viu os velhos judeus negociando entre si e pesando moedas em balanças de cobre. Por fim chegou à casa pobre e espreitou. O pequeno agitava-se febrilmente no leito, e a mãe tinha adormecido de fadiga. Entrou e colocou o grande rubi sôbre a mesa, ao lado do dedal. Depois voou docemente à roda da cama do pequenino, refrescando-lhe a fronte com as asas.

– Como me sinto fresco! – disse o pequeno. – Devo estar muito melhor.

E caiu num sono delicioso.

A andorinha voltou para o Príncipe Feliz e contou-lhe o que tinha feito.

– É curioso! – observou ela. – Agora sinto calor, apesar de estar tão frio.

– É porque praticaste uma boa ação – respondeu o Príncipe.

E a andorinha começou a pensar e adormeceu. Pensar fazia-a sempre dormir. Mal rompeu o dia, voou para o rio e tomou um banho.

– Que fenômeno mais raro! – disse o professor de ornitologia, que passava na ponte.

– Uma andorinha no inverno!

E escreveu uma longa carta para a gazeta local, sôbre o assunto. Tôda a gente a citava porque estava cheia de palavras, mas ninguém a compreendia.

– Esta noite parto para o Egito – disse a andorinha, muito alegre com essa perspectiva.

Visitou todos os monumentos públicos e estêve muito tempo pousada no cimo do campanário da igreja. Por onde quer que passava, chilreavam os pardais uns para os outros:

– Que estrangeira tão distinta!

E isso dava-lhe muito prazer.

Quando a lua nasceu, voltou para junto do Príncipe Feliz.

– Tens algum recado para o Egito? – perguntou. – Vou partir agora mesmo.

– Andorinha, andorinha, querida andorinha – disse o Príncipe. – Não queres passar mais uma noite comigo?

– Esperam-me no Egito – respondeu a andorinha – Amanhã as minhas amigas voarão para a Segunda Catarata. É ali que o hipopótamo se deita entre os juncais, e o deus Memnon se senta num grande trono de granito. Tôda a noite contempla os astros e, quando desponta a estrêla da manhã, solta um grito de alegria e emudece, de novo. Ao meio-dia leões fulvos descem à margem do rio para beber. Seus olhos são verdes como os berilos e seu rugido é mais forte que o rugido das cataratas.

– Andorinha, andorinha, querida andorinha – disse o Príncipe. – Longe, muito longe, vejo um jovem numa água furtada. Está debruçado sôbre uma mesa cheia de papéis e num copo, a seu lado, há um ramo de violetas murchas. Tem o cabelo castanho e ondulado, uns lábios tão vermelhos como a romã e uns olhos grandes e sonhadores. Tenta acabar uma peça para o diretor do teatro, mas está muito frio para escrever mais. Não há lenha no fogão e êle já vai desfalecer de fome.

– Ficarei contigo mais uma noite – disse a andorinha, que tinha realmente um bom coração. – Queres que lhe leve outro rubi?

– Ai! Já não tenho mais rubis – disse o Príncipe Feliz. – Só me restam os meus olhos. São duas raras safiras há mil anos trazidas da Índia. Arranca-me um dêles e leva-lho. Êle o venderá a um joalheiro, comprará comida e lenha e acabará a sua peça.

– Querido Príncipe – disse a andorinha – não posso fazer semelhante coisa.

E pôs-se a chorar.

– Andorinha, andorinha, querida andorinha – disse o Príncipe – faze o que te mando.

Então a andorinha arrancou um dos olhos do Príncipe e voou em direção à água furtada, onde vivia o estudante.

Era muito fácil entrar lá por um buraco do telhado. Entrou por êle e penetrou no quarto. O jovem tinha a cabeça enterrada nas mãos e não ouviu o sussurro das asas da ave. Quando ergueu os olhos, encontrou a formosa safira sôbre as violetas murchas.

– Começo a ser apreciado. – exclamou. – Isto deve vir de algum grande admirador. Agora já posso acabar a minha peça.

E sentiu-se muito feliz.

No dia seguinte a andorinha voou para o pôrto. Pousou no mastro dum grande navio, e viu os marinheiros tirarem grandes arcas do porão por meio de cordas. “Upa-íça!” gritavam êles, a cada arca que subia.

– Vou para o Egito – disse a andorinha.

Mas ninguém lhe prestou atenção, e quando a lua nasceu, voltou para junto do Príncipe Feliz.

– Andorinha, andorinha, querida andorinha – disse êle – não queres ficar mais uma noite comigo?

– É inverno – retorquiu ela – e a fria neve em breve chegará aqui. No Egito o sol brilha quente sôbre as palmeiras verdes e os crocodilos estendem-se no lôdo, olhando em roda, preguiçosamente. As minhas companheiras já estão fazendo seus ninhos no Templo de Baalbec e as pombas brancas e côr-de-rosa seguem-nas com a vista e arrulham entre si. Tenho que deixar-te, querido Príncipe, mas nunca te esquecerei. Na próxima primavera hei de trazer-te duas lindas jóias em lugar daquelas de que te desfizeste. O rubi será mais rubro que uma rosa vermelha e a safira será azul como o mar imenso.

– Lá embaixo na praça – disse o Príncipe Feliz – está uma pobre menina que vende fósforos. Deixou cair os fósforos na valeta e estragaram-se; o pai bater-lhe-á se não lhe levar para casa algum dinheiro e por isso ela chora, a coitadinha. Não tem sapatos nem meias. Arranca-me o outro ôlho e leva-lho, e o pai não lhe baterá.

– Ficarei contigo mais uma noite – disse a andorinha – mas não posso arrancar-te o outro ôlho. Ficarias completamente cego.

– Andorinha, andorinha, querida andorinha, faze o que te mando – disse o Príncipe.

A andorinha arrancou-lhe então o outro ôlho e partiu com êle. Ao passar junto da mocinha, deixou-lhe cair a jóia na palma da mão.

– Que bonito pedaço de cristal! – exclamou ela, e correu para casa, muito contente.

A andorinha voltou para junto do Príncipe.

– Agora estás cego – disse ela – e ficarei sempre contigo.

– Não, querida andorinha – respondeu êle – tens de partir para o Egito.

– Ficarei sempre contigo – disse a andorinha; e adormeceu aos pés do Príncipe Feliz.

Todo dia seguinte estêve pousada no ombro do Príncipe e contou-lhe histórias que tinha visto em terras estranhas. Falou-lhe dos íbis vermelhos que param em longas fileiras pelas margens do Nilo e apanham com o bico peixes encarnados; da Esfinge, que é tão velha como o mundo, vive solitária no deserto e tudo sabe; dos mercadores que caminham vagarosamente ao lado dos seus camelos e trazem nas mãos contas de âmbar; falou-lhe do Rei das Montanhas da Lua, que é prêto como o ébano e adora um enorme cristal; da grande serpente verde, que dorme numa palmeira e que vinte sacerdotes alimentam com bolos de mel, e dos pigmeus, que navegam num grande lago, embarcados em largas fôlhas e andam sempre em guerra com as borboletas.

– Contas-me coisas singulares, querida andorinha! – disse o Príncipe Feliz. – Mas ainda mais singular que tudo é o sofrimento dos homens e das mulheres. Não há mistério algum tão grande como a Miséria. Voa sôbre a minha cidade, andorinha, e dize-me o que lá vêes.

Então, a andorinha sobrevoou a grande cidade, e viu os ricos a divertirem-se nas suas moradias suntuosas, e os pobres sentados aos portões. Voou até ruelas escuras e viu as faces pálidas de crianças que morriam de fome, olhando distraídas para as ruas sombrias. Debaixo do arco de uma ponte estavam deitados dois rapazinhos, abraçados um ao outro para se aquecerem.

– Temos tanta fome! – diziam êles.  
– Não podem ficar aqui! – falou-lhes o guarda; e êles saíram para a chuva.  
A andorinha voltou para o Príncipe e disse-lhe o que vira.  
– Eu estou coberto de fino ouro – disse êle. – Tens de tirá-lo fôlha a fôlha e dá-lo aos meus pobres. Os vivos cuidam sempre que o ouro pode fazê-los felizes.

Fôlha após fôlha de fino ouro arrancou a andorinha, até que o príncipe ficou todo feio e negro. Fôlha após fôlha de fino ouro levou aos pobres, e as faces das criancinhas ganhavam côr e elas riam e brincavam nas ruas.

– Agora temos pão – diziam elas.

Por fim, chegou a neve e, depois da neve, o gêlo. As ruas estavam tão brancas e brilhantes, que se diriam feitas de prata. Compridos pingentes, como adagas de cristal, pendiam dos beirais dos telhados; tôda a gente se vestia de peles, e os meninos, com os seus barretes escarlates, patinavam no gêlo. A pobre andorinha tinha cada vez mais frio, mas não queria abandonar o Príncipe que tanto amava. Apanhava migalhas à porta do padeiro, quando êle não via e procurava aquecer-se batendo as asas.

Por fim, percebeu que ia morrer. Mal teve fôrças para voar mais uma vez para os ombros do Príncipe.

– Adeus, querido Príncipe – disse baixinho. – Deixas-me beijar a tua mão?

– Estou contente por partires, finalmente, para o Egito – disse o Príncipe. – Estiveste aqui muito tempo; mas é nos lábios que deves beijar-me, porque te amo muito.

– Não é para o Egito que eu vou – respondeu a andorinha. – Vou para a Mansão da Morte. A Morte é irmã do Sono, não é verdade?

E, dizendo isto, beijou o Príncipe nos lábios e caiu morta a seus pés.

No mesmo instante, um estranho estalido soou dentro da estátua, como se alguma coisa se tivesse quebrado. E realmente o coração de bronze tinha-se partido em dois. Estava fazendo, sem dúvida, um frio muito intenso.

Na manhã seguinte o prefeito da cidade, em companhia dos conselheiros, passeava pela praça. Ao passar pela coluna, olhou para a estátua e exclamou:

– Santo Deus! Que miserável aspecto tem o Príncipe!

– Que miserável aspecto, na verdade – exclamaram os conselheiros, que eram sempre da opinião do prefeito. E subiram para ver a estátua.

– Caiu-lhe o rubi da espada; perdeu os olhos, e todo o ouro desapareceu – exclamou o prefeito. – Realmente, é pouco mais do que um mendigo.

– Pouco mais do que um mendigo – repetiram os conselheiros.

– E até com um pássaro morto aos pés! – continuou o prefeito. – Temos de publicar um decreto proibindo às aves viver e morrer aqui.

E o secretário tomou nota da sugestão. E apearam então a estátua do Príncipe Feliz.

– Como já não é belo, já não é útil – disse o professor de Arte da Universidade.

Então fundiram a estátua num forno e o prefeito convocou uma assembléia de corporação para decidir o que havia de ser feito com o metal.

– Temos de fazer outra estátua, evidentemente – disse êle – e será a minha.

– A minha – disseram todos os conselheiros, e discutiram.

Da última vez que ouvi falar dêles, discutiam ainda.

– Que coisa mais estranha! – disse o capataz da fundição. – Êste coração de bronze não se derrete no forno. Temos que jogá-lo fora.

E atiraram-no para um montão de lixo onde se encontrava também a andorinha morta.

– Traze-me as duas coisas mais preciosas que houver na cidade – disse Deus a um dos seus anjos; e o anjo levou-lhe o coração de bronze e a andorinha morta.

– Escolheste bem – disse Deus. – No meu jardim do paraíso esta avezinha cantará eternamente e na minha Cidade de Ouro o Príncipe Feliz há de bendizer-me para sempre.

## ANEXO 6 – TRADUÇÃO DE PAULO MENDES CAMPOS (2005)

### O PRÍNCIPE FELIZ

Na parte mais alta da cidade, havia uma coluna, em cujo topo ficava a estátua do Príncipe Feliz. Era toda coberta de finas folhas de ouro; os olhos eram duas safiras brilhantes e um enorme rubi enfeitava o punho da espada.

– Parece um catavento, de tão bela! – disse um político que gostava de fazer frases. – Embora um catavento seja mais útil – acrescentou, receoso de que o tomassem por um homem de idéias pouco práticas.

– Você devia ser como o Príncipe Feliz! – falou uma senhora para o filho. – Ele nunca chora nem pede nada.

Um homem triste, olhando a estátua, exclamou:

– É a única pessoa feliz neste mundo!

Um menino do orfanato achou que o Príncipe parecia um anjo, para grande espanto do professor de Matemática:

– Como assim? Você nunca viu um anjo!

Respondeu que sonhava com os anjos; o professor fechou a cara, pois não gostava que os meninos sonhassem.

Uma noite, chegou à cidade uma andorinha. Há seis semanas que suas companheiras, fugindo ao frio, tinham voado para as terras quentes do Egito; ela se atrasara por estar apaixonada pela beleza de um canião, encontrado ao acaso, quando perseguia no rio uma borboleta amarela.

– Você quer ser meu namorado? – perguntou a andorinha, que nunca perdia tempo com muita conversa.

O canião concordou, inclinando-se com elegância. Ela ficou esvoaçando em torno dele, fazendo ondulações prateadas na água com as pontas das asas.

– Que namoro mais bobo! – exclamaram as outras andorinhas.

Quando as amigas partiram, a andorinha começou a enjoar-se do namorado:

– Este canião nunca diz uma palavra! Além do mais, é bem possível que ele esteja também de namoro com a brisa. Ainda por cima, quero casar-me com alguém que adore viajar.

Um belo dia, cansada daquela vida, perguntou ao canião:

– Você vai ou não vai comigo para o Egito?

Muito apegado à terra natal, ele disse *não* com a cabeça. A andorinha não gostou:

– Quer saber duma coisa? Você não me serve. Vou visitar as pirâmides do Egito.

Adeus!

Voou um dia inteiro e chegou à cidade, instalando-se aos pés da estátua do Príncipe Feliz.

– Que beleza o meu quarto dourado!

Quando ia enfiando a cabeça debaixo da asa para dormir, caiu-lhe em cima uma grossa gota d'água.

– Que coisa esquisita! – exclamou. – Está chovendo com o céu todo estrelado! Que clima horrível!

Já abria as asas para sair dali, quando caiu uma outra gota. Olhou para cima e viu... Ah, imaginem só o que viu a andorinha?

Os olhos do Príncipe Feliz estavam cheios de lágrimas, e lágrimas corriam-lhe pelas faces de ouro. Era tão bonito o rosto dele, à luz do luar, que a andorinha se sentiu comovida.

– Quem é você?

– Sou o Príncipe Feliz.

– Se é feliz por que está chorando? Estou toda molhada!

– Quando eu era vivo – respondeu a estátua –, tinha coração de gente. Nem sabia o que era choro, pois morava no Palácio da Boa Vida, onde a tristeza era proibida de entrar. Durante o dia, brincava com meus amigos no jardim e à noite dançava no salão de festas. O jardim era cercado por um muro muito alto, e nunca me dei ao trabalho de perguntar o que se passava lá fora. Tudo em torno de mim era bonito. Chamavam-me de Príncipe Feliz. E eu era realmente feliz, se é que se pode dar o nome de felicidade às coisas boas da vida. Assim vivi e assim morri. Depois de morto, colocaram-me aqui no alto, de onde posso ver todas as misérias da minha cidade. Mesmo com um coração de bronze, não consigo reter as lágrimas.

“Ué! Pensei que o coração dele também fosse de ouro!”, disse consigo mesma a andorinha.

A estátua continuou a falar mansamente:

– Lá longe, num beco, há um casebre. Pela janela aberta, vejo uma pobre mulher, a face magra e cansada, as mãos feridas pelas agulhas de costura. Está bordando flores roxas em um vestido para a mais bela dama da corte. Na cama a um canto, o filho doente pede à mãe uma laranjada. Ela só tem para dar água que apanha no rio. Andorinha, minha boa andorinha, será que você podia levar para aquela mulher o rubi da minha espada?

– Estão me esperando no Egito. Minhas amigas já estão a passear pelo rio Nilo. Não posso me demorar mais.

– Andorinha, andorinha, fique comigo uma noite; seja a minha mensageira. O menino está ardendo de febre e a mãe dele está morrendo de infelicidade!

– Sabe, eu não me dou bem com criança – replicou a andorinha. – No verão passado, dois garotos viviam me dando pedradas. É claro que nunca me acertaram, pois sou de uma família esportíssima. Mas não gostei da falta de respeito!

O Príncipe ficou tão triste que a andorinha teve pena.

– Está bem; apesar do frio que está fazendo, passarei aqui uma noite.

Arrancou o rubi da espada do Príncipe e voou com ele no bico por cima dos telhados da cidade. Quando passou pelo Palácio, ouviu música e viu uma linda moça que namorava na sacada.

– Como são lindas as estrelas! – disse o rapaz. – E como eu te adoro!

– Espero que o meu vestido esteja pronto para o baile de gala – respondeu ela. – Mandei bordá-lo de flores roxas; mas essas costureiras são todas preguiçosas!

Quando a andorinha chegou ao casebre, a mãe tinha adormecido de cansaço, enquanto o doentinho se revirava na cama, ardendo em febre. Colocou o rubi sobre a mesa, perto do dedal, revoando depois à roda da cama, para refrescar a testa do menino.

– Estou me sentindo melhor – murmurou o doente, antes de cair no sono.

A andorinha voltou para contar ao Príncipe o que tinha feito.

– É engraçado – observou –, agora estou me sentindo mais aquecida, apesar do frio.

– É o resultado da tua boa ação – disse ele.

A andorinha pensou um pouco e adormeceu: quando pensava, sentia sono. Mal amanheceu, voou para o rio e tomou um banho. Um professor entendido em aves, que atravessava a ponte, parou espantado:

– Que raro fenômeno! Uma andorinha no inverno! – E escreveu ao jornal uma carta, contando o acontecimento, mas com palavras tão difíceis que ninguém entendeu nada: por isso mesmo, foi muito elogiado.

– Esta noite vôo para o Egito – resolveu a andorinha, muito feliz.

Visitou os monumentos públicos e esteve muito tempo pousada na torre da igreja. Ficava toda contente quando os pardais diziam:

– Que estrangeira tão distinta!

Ao nascer a Lua, voltou para junto do Príncipe Feliz.

– Quer mandar algum recado para Egito? Vou partir agora mesmo.

– Andorinha, minha boa andorinha, passe mais uma noite comigo.

– Estou sendo esperada no Egito. Amanhã, minhas amigas vão visitar uma cachoeira, perto do lugar onde há hipopótamos e leões.

– Andorinha, lá longe vejo um rapaz debruçado sobre a mesa cheia de papéis. Tem uns olhos grandes e sonhadores. Quer terminar a peça de teatro que está escrevendo, mas o frio impede que ele continue o trabalho. Vai desmaiar de fome daqui a pouco.

– Está bem – disse a andorinha de bom coração. – Quer que eu leve para ele outro rubi?

Não tenho mais rubis – disse o Príncipe Feliz. – Só me restam os olhos. São duas safiras trazidas da Índia há mil anos. Arranque um dos meus olhos. Ele venderá a pedra a um joalheiro, comprará comida e lenha, e acabará a peça.

– Meu bom Príncipe – respondeu a andorinha, chorando –, isso eu não faço.

– Andorinha, minha boa andorinha, faça o que lhe digo.

Ela arrancou um dos olhos do Príncipe e voou, entrando logo no quarto por um furo do telhado. O moço, distraído, com as mãos na cabeça, não ouviu o sussurro das asas. Ao erguer os olhos, deu com a belíssima safira.

– Isso deve ter sido enviado por algum grande admirador de minhas peças – exclamou com alegria. – Agora sim, posso acabar o trabalho.

No dia seguinte, a andorinha andou revoando pelo porto, gritando aos marinheiros:

– Estou de viagem para o Egito!

Ninguém lhe prestou atenção; ao nascer a lua, voltou para a companhia do Príncipe Feliz.

– Passe mais uma noite comigo, andorinha.

– E o frio? Daqui a pouco estará nevando. No Egito, o sol brilha sobre as palmeiras e aquece o sono dos crocodilos. Minhas companheiras estão fazendo ninho num templo muito antigo. Tenho de deixá-lo, querido Príncipe, mas nunca me esquecerei de você. Na próxima primavera, quero trazer-lhe duas pedras preciosas para substituir as outras.

O Príncipe fez que não ouviu e mudou de assunto:

– Lá na praça, está uma menina pobre que vende fósforos. Hoje, os fósforos caíram dentro d'água. Vai apanhar caso não leve dinheiro para o pai. Dê a ela o olho que me resta.

– Fico com você mais uma noite, mas isso eu não faço. Ficará cego.

– Andorinha, andorinha, faça como lhe digo.

A andorinha arrancou-lhe a safira e voou, deixando cair a jóia na mão da menina, que a levou, correndo, para o pai.

Voltando para junto do Príncipe, disse a andorinha:

– Agora você está cego; não sairei mais daqui.

– Não, minha boa andorinha, você tem que partir para o Egito.

– Não sairei mais daqui – repetiu a andorinha, adormecendo aos pés do Príncipe Feliz.

No dia seguinte, pousada no ombro da estátua, falou-lhe das coisas que tinha visto em terras estranhas: dos pássaros vermelhos das margens do Nilo; da esfinge de pedra, tão velha quanto o mundo, que vive no deserto e sabe tudo; das caravanas de camelos que levam e trazem tesouros; da serpente sagrada, que dorme na palmeira e come bolos de mel; dos pigmeus, que navegam em grandes folhas e andam sempre em guerra com as borboletas.

– Tudo isso é fabuloso – disse o Príncipe Feliz. – Entretanto, mais fabuloso ainda é o sofrimento dos homens e das mulheres. O maior mistério é a miséria. Vá voar sobre a minha cidade, andorinha, e venha me contar o que viu.

E a andorinha foi. Sobrevoando a grande cidade, viu os ricos que se divertiam e os pobres que pediam esmolas; viu nas vielas sombrias as faces pálidas das crianças famintas. Debaixo de uma ponte, dois garotos abraçados tremiam de frio.

– É proibido ficar aqui! – gritou-lhes o guarda. E eles tiveram de sair na chuva em busca de outro abrigo.

Quando a andorinha contou o que tinha visto, o Príncipe disse-lhe:

– Como vê, sou todo coberto de ouro. Você pode tirá-lo, folha por folha, para os meus pobres. Os vivos pensam que o ouro traz felicidade.

A andorinha então foi arrancando, uma por uma, as folhas de ouro, até que o Príncipe, perdendo o brilho, ficou feio e escuro. Mas os rostos das criancinhas pobres ganhavam cor e alegria.

Por fim, chegou a neve. As ruas, brancas e brilhantes, pareciam de prata. Com seus bonés vermelhos, os meninos patinavam no gelo. Apesar de gelada, a andorinha não abandonava o Príncipe. Apanhava migalhas à porta do padeiro e batia as asas para aquecer-se.

Uma tarde, sentindo que ia morrer, mal teve forças para voar pela última vez aos ombros do Príncipe.

– Adeus, querido Príncipe – murmurou. – Quero beijar a sua mão.

– Fico feliz de saber que você vai afinal para o Egito.

– Não é para o Egito que eu vou. Vou para o País da Morte. A Morte é irmã do Sono, não é?

Beijou o Príncipe e caiu morta a seus pés.

No mesmo instante, um estranho estalido soou dentro da estátua, como uma coisa que se quebra. De fato, o coração de bronze partira-se em dois.

Na manhã seguinte, o prefeito da cidade, em companhia dos políticos, passava pela praça.

– Olhem só! Como o Príncipe ficou horroroso!

Os políticos, que eram sempre da mesma opinião que o prefeito, também exclamaram:

– O senhor tem toda a razão: que horroroso!

Quando chegaram mais perto, o prefeito voltou a exclamar:

– Perdeu o rubi! Perdeu os olhos de safira! O ouro sumiu! Parece um mendigo!

– É mesmo! Parece um mendigo!

– E com um passarinho morto aos pés! Temos de publicar um decreto proibindo as aves de morrerem nesta praça.

E o secretário tomou nota da sugestão. Depois, derrubaram a estátua do Príncipe Feliz. O professor de arte sentenciou:

– Como deixou de belo, não serve mais para nada.

Mandaram fundir a estátua no forno, e o prefeito, e o prefeito convocou uma assembléia de homens importantes para decidir que destino se devia dar ao metal.

– Temos de fazer outra estátua. A minha, por exemplo – disse o prefeito.

– A minha, a minha – gritaram todos os homens importantes.

Aí começaram a discutir de qual deles seria a estátua; e até hoje ainda estão discutindo.

– Que coisa estranha! – disse o mestre da fundição. – Este coração de bronze não se derrete no forno. O jeito é jogá-lo fora.

E o coração do Príncipe foi atirado para o monte de lixo, onde se encontrava também a andorinha morta.

– Quero as duas coisas mais preciosas que houver naquela cidade – disse Deus a um anjo.

E o anjo levou ao Senhor o coração de bronze e a andorinha morta.

– Boa escolha – disse Deus –, pois esta ave cantará eternamente no meu jardim; e, na minha Cidade de Ouro, o Príncipe Feliz ficará comigo para sempre.



## ANEXO 7 – BIOGRAFIA DOS TRADUTORES

### 1. Rosalina Coelho Lisboa (1900-1975)<sup>22</sup>

Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti, poetisa, jornalista e ativista política, natural do Rio de Janeiro, onde desde 1914 escreveu para revistas e jornais consagrados. Militou pela causa das mulheres e pela Paz mundial. Conquistou o primeiro prêmio no concurso literário da Academia Brasileira de Letras, com o livro *Rito Pagão*.



Em 1951, foi delegada do Brasil à VI Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Paris. Nessa ocasião, propôs o projeto de abolição dos castigos corporais aplicados aos negros na África do Sul, o que levou a Corte Interamericana de Justiça a considerar racistas as leis sul-africanas.

Além de artigos em *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *O Jornal*, *Correio da Manhã*, *A Nação*, publicou *Rito Pagão* (poesia, 1922), *O desencantado encantamento* (ensaio, 1927), *Conferências* (1927), *Passos no caminho* (poesia, 1932), *El mensaje cósmico Del Quijote* (ensaio, 1950), *Almafuerte* (ensaio, 1951) e *A seara de Caim* (romance, 1952).

---

<sup>22</sup>

Disponível

<[http://www.antoniomiranda.com.br/iberoamerica/brasil/rosalina\\_coelho\\_lisboa.html](http://www.antoniomiranda.com.br/iberoamerica/brasil/rosalina_coelho_lisboa.html)>. Acesso em: 15/11/2010.

em:  
em:

## 2. Otto Schneider<sup>23</sup>

Obras:

- *História da Rússia* (1944)
- *Catarina, a Grande – Imperatriz da Rússia* (1946)
- *Curiosidades Brasileiras* (1954)
- *Nem feijão nem sonho* (1954)
- *O Pensamento Sociológico* (1954)
- *Cristóvão Colombo* (1960)

Traduções:

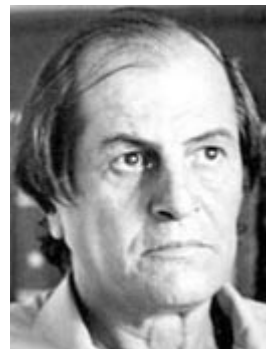
- *O Espírito de Dostoievski*, de Nicolai Berdiaeff (1921)
- *Minha Vida e Minhas Idéias*, de Albert Schweitzer (1931)
- *Espiões Soviéticos*, de Richard Hirsch (1948)
- *Os Mais Brilhantes Contos de Oscar Wilde* (1965)
- *A Maturidade Mental*, de Harry Allen Overstreet (1967)
- *A Singular História de Peter Schlemihl*, de Chamisso Keller (1980)
- *O Crime de Lord Arthur Saville e O Fantasma de Canterville*, de Oscar Wilde (1996)

---

<sup>23</sup> Apesar de ter traduzido para o português vários livros de autores importantes, não foi possível encontrar a biografia deste tradutor, apenas suas obras e traduções.

### 3. Paulo Mendes Campos<sup>24</sup>

Paulo Mendes Campos nasceu a 28 de fevereiro de 1922, em Belo Horizonte-MG, filho do médico e escritor Mário Mendes Campos e de Maria José de Lima Campos. Começou seus estudos na capital mineira, prosseguiu em Cachoeira do Campo (onde o padre e professor de português lhe vaticinou: “Você ainda será escritor”) e terminou em São João del Rei.



Começou os estudos de Odontologia, Veterinária e Direito, não chegando a completá-los. Seu sonho de ser avaliador também não se concretizou. Diploma mesmo, gostava de brincar, só teve o de datilógrafo. Muito moço ainda, ingressou na vida literária, como integrante da geração mineira a que pertence Fernando Sabino e pertenceram os já falecidos Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino, João Ettiene Filho e Murilo Rubião. Em Belo Horizonte, dirigiu o suplemento literário da *Folha de Minas* e trabalhou na empresa de construção civil de um tio.

Veio ao Rio de Janeiro em 1945, para conhecer o poeta Pablo Neruda, e por aqui ficou. No Rio, já se encontravam seus melhores amigos de Minas – Sabino, Otto e Hélio Pellegrino. Passou a colaborar em *O Jornal*, *Correio da Manhã* (de que foi redator durante dois anos e meio) e *Diário Carioca*. Neste último, assinava a “Semana Literária” e, depois, a crônica diária “Primeiro Plano”. Foi, durante muitos anos, um dos três cronistas efetivos da revista *Manchete*.

Admitido no IPASE, em 1947, como fiscal de obras, passou a redator daquele órgão e chegou a ser diretor da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

Em 1951 lança seu primeiro livro, *A palavra escrita* (poemas).

Casou-se, nesse mesmo ano, com Joan, de descendência inglesa, tendo tido dois filhos: Gabriela e Daniel.

Buscando meios de sustentar a família, Paulo Mendes Campos foi repórter e, algumas vezes, redator de publicidade.

Foi, também, hábil tradutor de poesia e prosa inglesa e francesa – entre outros, Júlio Verne, Oscar Wilde, John Ruskin, Shakespeare, além de Neruda, tendo enriquecido sua experiência humana em viagens à Europa e à Ásia.

---

<sup>24</sup> Disponível em: <[http://www.releituras.com/pmcampos\\_bio.asp](http://www.releituras.com/pmcampos_bio.asp)>. Acesso em: 15/11/2010.

Cético, sem perder a ternura, jamais fez concessões e tinha horror à vulgaridade, fosse ela temática ou vernacular. A perplexidade humana é devassada em sua poesia; sua prosa é penetrante, algumas vezes cheia de bom humor.

Paulo Mendes Campos faleceu na cidade do Rio de Janeiro no dia 1º de julho de 1991, aos 69 anos de idade.

## **ANEXO 8 – HISTÓRIA DA ORTOGRAFIA NA LÍNGUA PORTUGUESA**

**Século XVI até século XX:** Em Portugal e no Brasil a escrita praticada era baseada na etimologia latina ou grega.

**1576:** Publicação de *Orthographia da Lingoa Portuguesa*, de Duarte Nunes de Leão.

**1633:** Publicação de *Orthographia ou Arte para Escrever Certo na Lingua Portuguesa*, de Álvaro Ferreira de Vera.

**1746:** Publicação de *O Verdadeiro Método de Estudar*, de Luiz António Verney, opondo-se à grafia etimológica.

**1855:** Publicação de *Bases da Ortografia Portugues*, de Gonçalves Viana.

**1904:** Publicação de *Ortografia Nacional*, de Gonçalves Viana, propondo a simplificação orográfica.

**1907:** A Academia Brasileira de Letras começa a simplificar a escrita nas suas publicações.

**1910:** Implantação da República em Portugal. Nomeação da Comissão para estabelecer uma ortografia simplificada e uniforme a ser usada nas publicações oficiais e no ensino.

**1911:** Primeira Reforma Ortográfica em Portugal, publicada no Diário do Governo, n.º 213, 12 de setembro de 1911. Tentativa de uniformizar e simplificar a escrita, mas que não foi extensiva no Brasil.

**1915:** A Academia Brasileira de Letras resolve harmonizar a sua ortografia com a portuguesa.

**1919:** A Academia Brasileira de Letras revoga a sua resolução de 1915.

**1924:** A Academia de Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras começam a procurar uma grafia comum.

**1929:** A Academia Brasileira de Letras lança um novo sistema gráfico.

**1931:** Primeiro Acordo Ortográfico entre Brasil e Portugal, aprovado pela Academia das Ciências de Lisboa, em Portugal, publicado no Diário do Governo, n.º 120, I Série, 25 de maio de 1931. O acordo visa suprimir as diferenças, unificar e simplificar a língua portuguesa.

**1938:** Algumas dúvidas quanto à acentuação de palavras são sanadas.

**1943:** Formulário Ortográfico de 1943, a primeira Convenção Ortográfica entre Brasil e Portugal.

**1945:** Convenção Ortográfica Luso-Brasileira de 1945 ou Acordo Ortográfico de 1945, adotado em Portugal, mas não no Brasil. Em Portugal, publicado como Decreto 35.228 no Diário do Governo, em 8 de dezembro de 1945.

**1971:** Promulgação de algumas alterações no Acordo de 1943, pela Lei 5.765, de 18 de dezembro, no Brasil, reduzindo as divergências ortográficas com Portugal.

**1973:** Promulgação de algumas alterações em Portugal, com o Decreto-Lei 32/73, de 6 de fevereiro, em Portugal, reduzindo as divergências ortográficas com Brasil.

**1975:** A Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras elaboram novo projeto de acordo, que não é aprovado oficialmente.

**1986:** Bases Analíticas da Ortografia Simplificada da Língua Portuguesa de 1945, resultado da reunião de representantes dos sete países de língua portuguesa (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe), no Rio de Janeiro. Apresentação do Memorando Sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. O Acordo Ortográfico de 1986, que resulta desse encontro, nunca chegou a ser aprovado.

**1990:** A Academia das Ciências de Lisboa convoca novo encontro, resultando em um novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, previsto para entrar em vigor em 1º de janeiro de 1994.

**1991:** Publicação de *A Nova Ortografia da Língua Portuguesa*, de Antônio Houaiss, que é o resultado dos muitos debates em Lisboa.

**1995:** Ratificação do Acordo Ortográfico de 1990 por Portugal, Brasil e Cabo Verde, embora o texto previsse a sua implementação em todos os países lusófonos em 1994.

**1998:** Aprovação do Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa na cidade da Praia, Cabo Verde, retirando-se do texto original a data de implementação.

**2004:** Aprovação do Segundo Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em Fortaleza, Brasil, para propor a entrada em vigor do Acordo Ortográfico, mesmo sem a ratificação de todos os membros.

**2006:** Brasil, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe ratificam o documento, possibilitando a entrada em vigor do Acordo Ortográfico de 1990.

**2008:** O Acordo Ortográfico de 1990 é aprovado por Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Brasil e Portugal, sendo assinada a implementação em 2010.

**2009:** Entrada em vigor do Acordo Ortográfico de 1990 no Brasil.